

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA
MARIA LUISA RODRIGUES LOPES**

**O ENVELHECIMENTO EM *CACOS PARA UM VITRAL* DE ADÉLIA PRADO E
CONTOS DO ENVELHECER DE AGOSTINHO BOTH**

Juiz de Fora
2017

MARIA LUISA RODRIGUES LOPES

**O ENVELHECIMENTO EM *CACOS PARA UM VITRAL* DE ADÉLIA PRADO E
CONTOS DO ENVELHECER DE AGOSTINHO BOTH**

Dissertação apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura Brasileira: tradição e ruptura.

Orientador: Prof. Dr. William Valentine Redmond

Juiz de Fora
2017

L864

Lopes, Maria Luisa Rodrigues,

O envelhecimento em Cacos para um vitral de Adélia Prado e Contos do envelhecer de Agostinho Both; orientador William Valentine Redmond. – Juiz de Fora : 2017.

85 p.

Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura brasileira) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2017.

1. Envelhecimento. 2. Literatura. 3. Adélia Prado. 4. Agostinho Both. I. Redmond, William Valentine, orient. II. Título.

CDD: 869.935

LOPES, Maria Luisa Rodrigues O Envelhecimento em **Cacos para um vitral** de Adélia Prado e **Contos do envelhecer** de Agostinho Both. Dissertação apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura Brasileira: tradição e ruptura, realizada no 2º semestre de 2017.

BANCA EXAMINADORA

William Valentine Redmond

Prof. Dr. William Valentine Redmond - CES/JF
Orientador

Leila Rose Márcia Batista da Silveira Maciel

Profª. Drª. Leila Rosé Márcia Batista da Silveira Maciel - IF/SUDESTE/MG

Maria Aparecida Nogueira Schmitt

Profª. Drª. Maria Aparecida Nogueira Schmitt - CES/JF

Examinado(a) em: 07/08/2017

Com muita gratidão e amor, dedico este trabalho aos meus pais, Heráclito Teixeira Lopes Filho (*inmemoriam*) e Maria Rodrigues dos Reis Lopes, que, com muita sabedoria e simplicidade, trabalharam dedicando seus dias a criação e orientação dos filhos, ensinando a importância do saber, da ética e o valor do estudo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de amor e luz.

Ao meu querido orientador Prof. Dr. William Valentine Redmond, pelo seu envolvimento, atuação, carinho e pelo harmonioso convívio como conduziu todo o processo de orientação desta dissertação.

Às professoras Dr^a. Maria Aparecida Nogueira Schmitt, Dr^a. Leila Rose Márie Batista da Silveira Maciel e Dr^a Maria de Lurdes Abreu de Oliveira que participaram das bancas do Exame de Qualificação e defesa, dando valiosas sugestões que enriqueceram e contribuíram muito para o aperfeiçoamento do trabalho. Obrigada!

À professora coordenadora Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes, pela presteza e atenção com que conduziu o curso. Parabéns!

Meu agradecimento muito carinhoso à minha família, irmãos e irmãs que muito me incentivaram e souberam entender e apoiar nos momentos de tensão e nas ausências.

Agradeço carinhosamente às sobrinhas queridas Thaís Lopes Quintão e Larissa Teixeira Mendes, que nas horas difíceis, com muito carinho e presteza, fizeram-se presente. Muito obrigada!

A todos os docentes do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), pelos ensinamentos e pela generosidade de compartilhar seus conhecimentos.

Aos demais funcionários do CES/JF, que, direta ou indiretamente, contribuíram com seus trabalhos para o meu bem estar na instituição.

A todos os meus amigos e colegas, pelo carinho, amizade e apoio constante.

RESUMO

LOPES, Maria Luisa Rodrigues. **O envelhecimento em Cacos para um vitral de Adélia Prado e Contos do envelhecer de Agostinho Both**. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2017.

Nesse trabalho pretende-se pesquisar e analisar como e de que maneira está percebido e narrado pela literatura contemporânea o processo de envelhecimento, uma vez que o aumento da expectativa de vida traz maior evidência para esse grupo denominado terceira idade, grupo melhor idade, entre outros, na demanda por novas formas de se olhar e conviver, transformando-se em desafio sociocultural e tema para análises e pesquisas. Fundamentada na literatura de Adélia Prado e Agostinho Both, será elaborada uma discussão acerca da angústia do envelhecimento e da mudança dessa percepção na abordagem dos autores, marcos teóricos nessa pesquisa, na observação de suas opiniões sobre o envelhecimento e a qualidade de vida nessa fase. Para tanto, serão abordados, ainda, outros autores de cunho relevante ao tema, que fornecerão argumentos de sustentação a essa pesquisa.

Palavras-chave: Envelhecimento. Literatura. Adélia Prado. Agostinho Both.

ABSTRACT

In this paper we intend to investigate and analyze how and in what way the aging process is perceived and narrated in contemporary literature, since the increase in life expectancy brings more evidence for this group, called the third age group, the better age group, among others, in the demand for new ways of looking and living together, becoming a sociocultural challenge and theme for analysis and research. Based on the literature of Adélia Prado and Agostinho Both, a discussion will be made about the anguish of aging and the change of this perception in the approach of the authors, theoretical frameworks in this research, in the observation of their opinions about aging and quality of life in this phase. In order to do so, we will also be approached other authors relevant to the theme, who will provide arguments to support this research.

Keywords: Aging. Literature. Adélia Prado. Agostinho Both.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	O ENVELHECIMENTO SOB A ÓTICA SOCIAL E LITERÁRIA	11
3	ADÉLIA PRADO E SUA OBRA	29
4	OS CONTOS DE AGOSTINHO BOTH	52
5	CONCLUSÃO	79
	REFERÊNCIAS	81

1 INTRODUÇÃO

Estou realmente como um bisão velho. Louco de vontade de sair da reserva.

Agostinho Both

O envelhecimento populacional é, hoje, um proeminente fenômeno mundial, pois, nos últimos sessenta anos, o número absoluto de pessoas com mais de sessenta anos aumentou nove vezes. Em 1940, era de 1,7 milhão e, em 2000, de 14,5 milhões. Projeta-se, para 2020, um contingente de aproximadamente 30,9 milhões de pessoas que terão mais de 60 anos (CAMARANO, 2004, p. 25).

A importância deste trabalho se faz a partir dos estudos em Literatura Brasileira seguindo a Linha de Pesquisa Literatura Brasileira: tradição e ruptura, do curso de Mestrado em Letras, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF, sendo inspirada pela prática da movimentação do cotidiano dos atuais idosos. Sua importância é relevante no sentido de proporcionar valorização, entendimento e inclusão social ao crescente grupo de idosos no Brasil e como a Literatura aborda essa situação.

A estrutura da população brasileira já passou por diversas mudanças. Houve momentos da história em que tivemos crescimento natural acelerado, com número de jovens maior do que de idosos. Em outros momentos houve queda no crescimento natural e, daí por diante a população oscilou muito quanto à estrutura etária. Isso acontece especialmente em países desenvolvidos, em função do aumento da expectativa de vida e da baixa no índice de natalidade, ocasionando uma transição demográfica que altera o posicionamento da pirâmide etária.

Os avanços tecnológicos estão em primeiro lugar na influência desses índices, aliados aos cuidados com a alimentação, hoje muito em voga, o que ocasiona, de acordo com estatísticas da Organização das Nações Unidas (ONU), uma maior preocupação com a qualidade de vida e também, a procura pelas atividades físicas especialmente a hidroginástica, caminhada, ioga, pilates, direcionadas ao grupo da terceira idade.

Segundo esses dados, em âmbito mundial, havia duzentos e cinquenta milhões de habitantes com idade superior aos sessenta anos na década de 1950. Até o ano 2000, esse número passou a 606 milhões de habitantes, ou seja, três vezes maior do que o número inicial. Considerando-se essa realidade, e projetando esses números, sem considerar outras questões, teremos em 2050 quase 2 bilhões de idosos. Serão

necessárias políticas públicas muito eficientes e rigorosamente seguidas para suportar esse aumento populacional (FRANCISCO, 2017, não paginado).

O envelhecimento é um processo natural, inexorável e uma etapa da vida evolutiva, no qual coexistem aspectos genéticos, individuais e psicossomáticos de um corpo que se transforma pelo desgaste do tempo e um ser que o habita, com suas experiências individuais, estilo de vida, construções, socialização, busca de novos ideais e espiritualidade. Tal fenômeno suscita pesquisas e análise sobre o envelhecimento bem sucedido e isso se torna um desafio para a cultura e a sociedade.

Com base nessas nuances, que dimensionam o envelhecimento, este trabalho terá como objeto de estudo o universo da literatura de Adélia Prado, em sua obra **Caços para um vitral** (1980), na qual a autora discorre sobre como lidar com o cotidiano e o desdobramento de seus muitos núcleos constitutivos. Tratar-se-á também da literatura de Agostinho Both, de quem as narrativas apresentadas na obra **Contos do envelhecer** (1998), em especial os contos **A senhora Webster**, **O tecelão** e **Uma história do velho preguiçoso**, tecem uma rede de significados para a velhice, em tempos e lugares diversos. Para enriquecimento desta pesquisa, foram consultadas outras obras de Adélia Prado e Agostinho Both, contando com as reflexões teóricas Ecléa Bosi e Simone de Beauvoir, além de outros autores que ampliam essa pesquisa e que, ao longo do texto, serão nomeados.

O contexto literário compõe uma malha de ideias que retratam os sentimentos, as dúvidas, os conflitos, a busca de significados e respostas para um tempo da vida, que chega de forma inexorável, mas que pode ter um brilho particular do aprendizado, da consciência, da conformidade e da superação, compondo novas formas de ser, atuar e compreender a vida e sua essência.

A pesquisa, fundamentada na análise dos contos de Agostinho Both e na poética de Adélia Prado, objetiva estudar as alusões referentes ao envelhecimento em seus múltiplos contextos, descortinando novos horizontes. Além disso, investiga como a literatura dos autores se refere ao envelhecimento, oferecendo melhoria da qualidade de vida nessa fase. Procura, ainda, identificar propostas para um envelhecimento saudável e a viabilidade destas na sociedade, segundo os textos literários de Agostinho Both e de Adélia Prado. Discute a visão consensual acerca do envelhecer, que torna a pessoa inútil e a mudança desse paradigma, de acordo com a revisão da literatura, abordando autores diversos e utilizando-se, para tanto, uma pesquisa exploratória e bibliográfica. Assim determinada a leitura, análise e levantamento do referencial teórico,

através do contexto literário dos autores, será fundamentado o estudo na análise das questões do envelhecimento e como tais expressões são retratadas na literatura contemporânea.

2 O ENVELHECIMENTO SOB A ÓTICA SOCIAL E LITERÁRIA

A juventude é apenas uma palavra.
Pierre Bourdieu

Estatísticas da Organização das Nações Unidas (ONU) consideram que, até o ano de 2025, o mundo terá um bilhão e 100 milhões de idosos com mais de sessenta anos. O Brasil será, provavelmente, o sexto país do mundo com o maior número de pessoas idosas, aponta a Organização Mundial de Saúde (OMS). As cidades brasileiras com maior número de idosos, atualmente, são Porto Alegre no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Juiz de Fora em Minas Gerais, esta com aproximadamente setenta mil idosos, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As causas apontadas nesses estudos mostram que a expectativa de vida aumentou e, atualmente, ultrapassa os setenta anos.

Outro fator apurado deve-se ao desenvolvimento de tecnologias médicas, farmacêuticas e laboratoriais, procedimentos como vacinações, medicamentos mais específicos para cada enfermidade e também a queda do índice de natalidade com o advento dos métodos contraceptivos.

As políticas públicas nas áreas sociais e de saúde não estão devidamente preparadas para esse fato, embora tenhamos em vigor a Política Nacional do Idoso (Lei federal nº 8.842) instituída em quatro de janeiro de 1994, cuja regulamentação deu-se dois anos depois por Decreto Federal nº 1.948 em três de julho de 1996.

A ONU considerou 1999 como Ano Internacional dos Idosos, com o tema “Mantenha-se Ativo Para Envelhecer Melhor”, e propiciou campanhas anuais de vacinação contra a influenza e a criação da Política Nacional da saúde do idoso. Para isso, é fundamental o preparo e capacitação de profissionais da saúde para um atendimento que possa identificar as doenças comuns a essa faixa etária. Esses avanços iniciaram-se a partir de 1970 com pesquisas com grupos sociais distintos que, sob diferenciadas formas, elaboram experiências sobre o envelhecimento na busca do esclarecimento das diversidades.

Com o envelhecimento mundial, surgem especialidades como a gerontologia e geriatria. Gerontologia, de etimologia grega, é a ciência (*logos*) que estuda o envelhecimento (*geros*) e a geriatria refere-se ao campo da medicina que se ocupa da velhice e suas enfermidades, considerando a prevenção, tratamento e reabilitação relaciona-

dos às patologias comuns nessa faixa etária. O bem estar do idoso perpassa por aspectos genéticos, biofisiológicos, psicológicos e sociológicos.

Sendo assim, Maria Constança Paúl (2005) sugere que um exame mais profundo seja considerado na tentativa de conceituar o tema complexo no sentido de melhor expressar sua realidade quanto à complexidade biopsicossocial comportamental do idoso, além de ocasionar pequenas análises de cunho biológico, psicológico e social para permitir uma visão mais esclarecida do universo comportamental do processo do envelhecimento.

Fazem parte desse processo algumas particularidades específicas como a diminuição da visão, audição, cognição e memória. Com o avanço da idade, a redução da capacidade física e, conseqüentemente do funcionamento dos órgãos, é inevitável. As transformações físicas também contribuem para o aparecimento de tristeza, depressão, sensação de fracasso, paranoia e hipocondria, entre outros transtornos, são características individuais, nem todos os idosos sofrem essas mazelas.

Não apenas no âmbito produtivo do mercado de trabalho os fatores limitantes afetam os idosos. Na vida familiar, social e cultural, o fato se repete. O acesso a uma boa qualidade de vida, alimentação adequada, prática de exercícios físicos, estimulação mental, controle do estresse, avanço farmacológico, apoio psicológico e construção de uma atitude positiva perante a vida, irão influenciar, de forma benéfica, o processo do envelhecimento.

Cada pessoa tem sua capacidade estabelecida pelas condições de seu envelhecimento, contudo, é necessário considerar as especificidades de cada indivíduo, organismo, condições físicas e materiais, mediante as diferentes influências genéticas, de personalidade, de hábitos e estilo de vida.

A motivação da realização desse estudo é a ideia de que o sonho de uma velhice tranquila seja possível sempre e para todos. Há pessoas que envelhecem sem que isso seja obstáculo ao desempenho de suas funções, outras encontram dificuldades na aceitação da própria velhice ou se deparam com questões relativas à saúde. Pondera-se sobre o envelhecer, que não está associado, inexoravelmente, às dores, tristeza, perdas, luto e incapacidades diversas. Acredita-se que ainda há pessoas idosas que, mesmo com limitações físicas próprias da idade, respondem aos desafios que essa fase da vida lhes traz, mantendo-se estáveis, alegres e participativas.

Em contrapartida, a sociedade contemporânea capitalista revela que a inserção no mercado de trabalho e a manutenção da força produtiva estão diretamente ligadas à

juventude e à capacidade física e intelectual do indivíduo. Dessa maneira, as pessoas idosas são discriminadas e acabam tornando-se inativas, causando um isolamento e segregando idosos que poderiam contribuir com conhecimentos, sabedoria e experiência para essa etapa da vida.

É por meio desses idosos que a vida pode ser contada de maneira real. Já viveram várias experiências, a convivência social e as relações familiares deixaram marcas e ensinamentos que, por vezes, passam despercebidos pelas pessoas mais jovens. O fato de uma pessoa idosa lembrar seu passado, não deve ser interpretado como sonhos ou divagações e sim, que, na realidade, ela está “ocupando-se consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida” (BOSI, 1987, p. 23).

A narrativa é uma maneira, não apenas de contar a história, é reviver o passado, trocar experiências, sem deixá-las aprisionadas dentro de um livro ou de sua memória. Ela vem da própria experiência transformando, assim, a experiência daqueles que escutam:

Todas as histórias contadas pelo narrador inscrevem-se dentro da sua história, a de seu nascimento, vida e morte. E a morte sela suas histórias com o selo do perdurável. As histórias dos lábios que já não podem recontá-las tornam-se exemplares. E, como reza a fábula, se não estão ainda mortos é porque vivem ainda hoje (BOSI, 1987, p. 47).

Essa é uma forma artesanal de fazer a história, de comunicar-se sem a necessidade de ater-se aos fatos reais e, sim, reavivar o colorido que o tempo acaba apagando:

Hoje, a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente. Na aurora da civilização grega ela era vidência e êxtase. O passado revelado desse modo não é o antecedente do presente, é a sua fonte. Do estudo de Vernant sentimos a impossibilidade de separar a memória do conselho e da profecia (BOSI, 1987, p. 48).

A oralidade estabelece uma relação de interesse entre o narrador e o ouvinte, transmitindo de geração em geração fatos e acontecimentos que serão agentes de transformação revelando o interior e o inusitado. O narrador é o mestre, conta o que vivenciou e retirou de sua própria dor e na convivência diária com o envelhecer.

A palavra convivência vem do latim: *cum* (com) + *vivere* (viver) e se traduz em viver com alguém, com alguma coisa, alguma ideia. Isso traz o sentimento de ser gre-

gário, de pertencer a um grupo, ser reconhecido e validado, interagir trocando afeto, carinho, experiências e compartilhando interesses comuns.

A sociedade reflete, classifica e denomina mudanças das quais ela própria sobrevive através de um jogo de processos alternativos. Especialmente a partir do século XIX até os dias atuais, vive um processo acelerado de mutações. Todavia, o conceito de velhice é ambíguo, sob a ótica do idoso, a doença e a saúde são situações próprias do ser humano e independem da idade. Sob a ótica do jovem, a doença está diretamente ligada à idade avançada. Estudos recentes revelam uma vida sexual mais satisfatória, saúde e acuidade mental no idoso, demonstrando que o auge da vida pode ser considerado não apenas na juventude ou na idade adulta, mas também, na idade avançada:

Não se pode ignorar que a velhice é também uma construção sócio cultural, isto é, sendo um dado da realidade de qualquer sociedade humana, está sujeita às ações nominadoras da cultura (atribuição de nome, classificação, significação, etc.); a noção de velhice depende, basicamente do estabelecimento de demarcações socioculturais. [...] De fato pode-se dizer que o envelhecimento é a um tempo biológico e sociocultural (CONCONE, 2007, p. 19, 44).

Maria José Somerlate Barbosa, em sua obra **Passo e compasso: nos ritmos do envelhecer** (2003), aponta referências a respeito da construção social e cultural referindo-se ao velhismo visto como outras expressões de conotação preconceituosa como racismo, machismo, entre outros, relatando também a baixa autoestima de pessoas à época de sua aposentadoria. Assim, envelhecer adquire a conotação de ter um corpo improdutivo, como aconteceu com Jose Maria, personagem do conto **Viagem aos seios de Duília (1983)** de Aníbal Machado.

Jose Maria ao ser aposentado, passados trinta e seis anos de trabalho, sentiu-se perdido, perdeu seu porto seguro, sua rotina, seus afetos, apesar de não confraternizar com seus subordinados, assim os considerava. Sentia-se prisioneiro do passado, mais precisamente de Duília, jovem que o encantou aos dezesseis anos e que nunca esqueceu. Ainda guardava a lembrança do dia em que a jovem abriu a blusa e mostrou-lhe os seios alvos, aquela imagem o acompanhou durante a vida, precisava revê-la. Empenhou-se na viagem de retorno e ao reencontrar Duília envelhecida, e maltratada pela vida, cheia de netos, deu-se conta que não deveria ter voltado às origens. Naquele lugar, que continuava mais pobre do que quando era jovem, concluiu que o passado,

apesar de seu valor, deve ficar apenas na lembrança e importante é viver o momento presente.

O envelhecimento apresenta aspectos variáveis. Em países desenvolvidos, acontece de maneira lenta em função do investimento em qualidade de vida, que nesses países é fortemente incentivado. Apesar disso, países que apresentam essas características sentem as consequências da velhice de sua população, como a falta de mão de obra de pessoas jovens que possam dar continuidade ao trabalho desenvolvido pelos idosos quando em fase produtiva.

Geralmente, as pessoas acham sempre que velho é o outro, ignorando seu próprio envelhecimento e esquecidos que espaços públicos, escolas, universidades, entre outros, desenvolvem atividades e cursos acolhendo pessoas que têm o direito de ir e vir, estudar e divertir-se, independente da idade.

Observa Concone (2007) que essa atitude parece revelar o medo que as pessoas sentem de envelhecer, a cobrança da sociedade influenciando o pensamento psicológico de adentrar a terceira idade e sentir-se na zona de rebaixamento, utilizando o termo jocoso para exorcizar seu próprio medo de chegar lá:

Há um esforço no sentido de escapar das generalizações e do estigma da velhice, esforço que aparece no discurso, nas ações, ("manter o corpo ativo e a mente alerta"), nos cuidados e quando houver a possibilidade, na interferência direta sobre as marcas corporais (o crescimento da "cosmetologia" e das plásticas corretivas e estéticas é um indicador importante). (CONCONE, 2007, p. 19).

Não se pode, enfim, criticar quem lança mão desses recursos, pois, os mesmos influenciam e elevam a autoestima e a beleza, que, no contexto sociocultural, apesar de ter padrões distintos, é considerada fundamental. Além disso, o padrão de beleza universal denomina-se juventude e mantê-la exige sacrifícios. Envelhecer é poético? Talvez, instiga o artista da linguagem a pensar sobre essa temática.

Nesse contexto, pode-se analisar a velhice sob um novo olhar, libertador e num constante reinventar-se. É fato que a sociedade contemporânea impõe duras regras aos padrões de beleza. A indústria da estética enfatiza o corpo perfeito, sonho de toda mulher e que assumiu a condição valorizada e enaltecida na cultura do narcisismo.

O consumo de produtos estéticos, as frequentes aulas nas academias de ginástica, alimentação controlada e consumir sempre as novidades que não param de abastecer o mercado da beleza fazem com que as pessoas sintam-se belas e, dessa maneira,

ra, socialmente aceitas. O corpo em forma é a senha da aceitação, todos querem parecer ou lembrar alguém famoso. Francisco Freire Costa comenta que:

O que nos inspira são os modelos impessoais dos artistas de sucesso ou das figuras de outdoors. Só que tais modelos são mudos e se manifestam, apenas quando se trata de nos convidar para comprar mais um produto comercial ou industrial. O corpo da publicidade não nos fala diretamente. Não nos solicita sensorial ou emocionalmente, nem considera as peculiaridades de nosso caráter ou de nossas histórias de vida, ao provocar nosso desejo de imitá-lo. (2016, não paginado).

É a cultura narcisista da sociedade do espetáculo na qual as pessoas querem ser iguais a determinado ator ou modelo esquecendo-se que esses são padrões de referência e beleza, objetos de consumo da sociedade capitalista contemporânea. A partir disso, observa-se a cultura do narcisismo. São duas situações distintas e iguais simultaneamente, a cultura do narcisismo, marcada pela autoadmiração, é o olhar constante ao espelho enaltecendo a própria aparência cultuando a própria imagem. A sociedade do espetáculo enfatiza a exterioridade. O culto ao narcisismo contemporâneo torna-se um escudo de proteção entre o ego e o exterior.

As aparências tornam-se padronizadas criando um vazio identitário criando uma sociedade visualmente linear. De acordo com Debord (2003), o indivíduo passa a consumir passivamente apenas a imagem em detrimento dos outros meios de comunicação. A sociedade do espetáculo é definida pelo autor como um reino espetacular onde:

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens [...]. Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos -, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade (DEBORD, 2003, não paginado).

Mary Del Priore (2000) esclarece que a tirania da perfeição física empurrou a mulher não para a busca de uma identidade, mas de uma identificação. Nessa corrida, existe o risco de cair involuntariamente em armadilhas, pois, apesar de efetuarem conquistas históricas, elas correm o risco de sofrer com as armadilhas das frustrações, uma vez que a sociedade espelha-se e tem como alvo a juventude e seus valores aliados ao progresso. Na área médica, “todos os esforços são investidos para dissolver a velhice. Para reduzi-la”. (DEL PRIORE, 2000, p. 13), isto porque há um apelo social

especialmente em referência às mulheres no sentido de retardar a velhice, pois seus corpos vivem sob o regime da ditadura da beleza que, em nossa cultura, é sinônimo de juventude. O que existe é uma sociedade que reserva à juventude o benefício e à velhice o déficit.

As pessoas são mais aceitas socialmente quando estão demonstrando saúde e bem estar, quando o desenvolvimento psicológico segue os rumos da constância e da mudança do comportamento ao longo da vida, apoiada em diversos campos de atuação e desenvolvimento especializado. Assim, Samila Sathler Tavares Batistoni atesta que, para estar bem socialmente, é necessário estar bem também psicologicamente:

De maneira geral, depreende-se do diálogo entre a Psicologia do Envelhecimento e a Psicologia Clínica que, no planejamento, avaliação e implementação das abordagens clínicas com idosos, é necessário, além de dominar os conhecimentos da Psicologia do Envelhecimento, adaptar-se criativamente e aprender a usar os conhecimentos clínicos em diversos contextos socioculturais e de cuidado à saúde, flexibilizar técnicas ou metas e dar preferência a modalidades de intervenção focais e breves ajustadas aos desafios específicos ligados ao indivíduo ou grupo alvo da intervenção. Tais tarefas são ainda mais prementes no contexto da Psicologia brasileira, uma vez que esta ainda está em processo de delineamento no campo dos saberes relativos ao envelhecimento. A maioria das teorias, práticas e evidências de pesquisa são baseadas em achados internacionais, havendo a necessidade de que o profissional psicólogo derive de suas teorias e técnicas subsídios para uma prática sensível às reais necessidades dos idosos brasileiros (2009, não paginado).

A civilização moderna não espera, esgota-se no ato, de tal modo que o termo envelhecimento, aplicado ao indivíduo, conservou tão somente seu despojo pejorativo, sinônimo de perda. Ao passo que em outras sociedades, o envelhecimento é pensado em termos de aquisição e progresso (DEL PRIORE, 2000, p. 13). O envelhecimento é feito de perdas e aquisições ao longo de toda a vida. Especialmente, especifica a pesquisadora Susana Moreira de Lima:

Quando se trata do envelhecimento das mulheres esse processo agrava-se, pois o apelo à permanência da juventude como preservação da beleza é a palavra de ordem numa sociedade em que é imperativo ser bela e jovem. Deste modo, a possibilidade de se estar bem nesse espaço passa pelo corpo antes de tudo (2008, p. 1).

O fato mais importante é compreender que, a partir da crítica sociológica, somos capazes de entender as mensagens e as experiências dos autores em função de uma sociedade, que pode ser ou não a que vivemos no momento da leitura do texto, mas que, certamente, contribui para nossa percepção e concepção do mundo, levando à

reflexão sobre conceitos culturais que podem estar ultrapassados, realizados, ou, ainda, mais presentes que nunca em nossa vida.

Viver a velhice em sociedade é arcar com a possibilidade de receber críticas daqueles que parecem viver a eterna juventude. A matéria publicada no jornal juizforano Tribuna de Minas, escrita pelo jornalista Mauro Morais, esclarece não ser esse o pensamento de Adélia Bassani que, aos sessenta e oito anos, ao lado de Paulo, seu esposo “faz teatro e se diz satisfeita com as opções culturais da cidade” (LOURES; MORAES, 2015, segundo caderno). Residente em Juiz de Fora, terceira cidade elencada com o maior número de idosos no país, Bassani sente-se disposta a aproveitar tudo o que é oferecido para atualizar-se. Como ouvinte, fez o curso de Serviço Social, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), juntamente com seu marido, sendo considerados os ouvintes mais falantes. Sobre essas oportunidades, Adélia argumenta que:

Existe um grupo novo de velhos e, principalmente, velhas, que é muito diferente, que consomem muito mais livros e jornais. As mulheres, especialmente, tem atividades culturais bastante intensas, muito mais diferenciadas do que os jovens. Elas vão a diferentes peças de teatro, concertos, viajam, têm grupos de amigas que estimulam a vida social. Elas são curiosas (LOURES; MORAES, 2015, segundo caderno).

Nos mesmos termos, Edna de Moraes Pinheiro, 75 anos, declara não gostar de ficar em casa, frequenta aulas de ioga, ginástica e o Centro de Convivência do Idoso, além de fazer viagens com as amigas. Sobre essas iniciativas, relata a psicóloga Deborah Farah Delgado, do Centro de Convivência, que recebe diariamente cerca de trezentos idosos em busca de socialização, distração, atividades e aprendizado. A psicóloga informa que o Centro já apresenta uma lotação esgotada. Atualmente, os idosos precisam fazer uma opção, não podem escolher mais de uma atividade, para conseguirem atender a um número maior de pessoas. Delgado organiza as atividades de acordo com a demanda dos frequentadores.

Ainda assim, de acordo com o Jornal, o Centro atende apenas dez por cento dos idosos da cidade, o que mostra claramente a deficiência de políticas públicas e investimentos para essa faixa etária, considerando as seis mil inscrições a espera de vagas (LOURES; MORAES, 2015, segundo caderno).

A antropóloga Mirian Goldenberg mostra que é possível experimentar o processo de envelhecimento com beleza, liberdade e felicidade. Mais de 25 anos de pesqui-

sas sobre as mulheres e os homens brasileiros a desafiaram a buscar os caminhos para inventar uma velhice rica de experiências. Conforme pronuncia Goldenberg:

Na verdade, a única coisa que todo mundo é é velho. Hoje ou amanhã. Ricos, pobres, negros, brancos, judeus, católicos, todos são velhos no presente e no futuro. E essa ideia muda tudo, porque, assim, começamos a cuidar da vida, das relações, do dinheiro, de outra forma, sabendo que não somos infinitos. Os jovens de antigamente eram muito inconsequentes, porque se vivia muito menos no século passado. Hoje já existe uma consciência de que é possível viver bem a velhice e, para isso, é preciso fazer um mínimo esforço, que é cuidar de si mesmo e da sociedade (2013, p. 5).

Em sua pesquisa, Goldenberg enumera exemplos de velhos ainda belos que inspiram as novas gerações no Brasil, como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Ney Matogrosso, Chico Buarque, Marieta Severo e Rita Lee, entre outros. A autora duvida que alguém consiga enxergar neles, que já chegaram ou estão chegando aos 70 anos, um retrato negativo do envelhecimento. São típicos exemplos de pessoas chamadas sem idade. Fazem parte de uma geração que não aceita rótulos e que enxergam na velhice outro significado; que nada tem a ver com aquele papel do vovozinho deslocado e alheio às transformações sociais.

O estudo de Goldenberg faz uma análise profunda sobre a diferença na forma como homens e mulheres enxergam essa etapa da vida. Para entender melhor esse padrão de comportamento, ela conduziu uma pesquisa com 1700 pessoas, de 18 a 90 anos, de ambos os sexos. Com base nos dados obtidos, ela oferece sugestões sobre como alcançar uma velhice mais bela. As mulheres sofrem mais com a ação do tempo, os hormônios mexem não só com o corpo, mas também com a cabeça delas e têm muito medo de envelhecer.

Segundo Mirian Goldenberg, esse sentimento está associado à valorização exagerada da imagem. No Brasil, segundo a antopóloga, o corpo é um capital para as mulheres. Por isso existe o medo. Em outros países, aos 60 anos as mulheres simplesmente não estão falando sobre a velhice. Isso se reflete também na vida afetiva. Mirian observa que as mulheres que assumem uma relação com um homem muito mais novo têm que enfrentar uma série de julgamentos. Quando a situação se inverte, e um homem mais velho começa a namorar uma menina mais nova, as pessoas tendem a ser menos duras. Conclui que o homem não enfrenta tanto preconceito porque ele foi valorizado por outros atributos além do corpo, ele nunca foi o corpo jovem. Sempre foi as-

sociado a outros valores, como prestígio, poder, conversa e maturidade, de acordo com sua análise.

As pessoas começam a ter consciência de que o envelhecimento não é uma porta que se fecha para a vida e, sim, uma etapa a ser desfrutada, aproveitada, compartilhada com atividades que estimulem o idoso a manter sua individualidade. Participar de grupos de convivência acarreta bem estar físico, mental e emocional e, quando aliados aos hábitos saudáveis e atividades físicas, melhoram o desempenho físico e cognitivo. De acordo com Juliana da Silva Brandão:

A socialização e o convívio com outros são essenciais nesta fase da vida, ajudando a aliviar o sentimento de solidão e de ansiedade. As novas amizades e os estímulos das amizades desempenham papel importante, pois oferecem a oportunidade de interagir com outros, convertendo-se em fonte de apoio (2009, p. 100).

É por meio desse convívio que os idosos aproveitam a oportunidade de compartilhar suas vivências, capacidades, dividir angústias e fazer novos amigos.

No âmbito literário, sabe-se que esse está estreitamente vinculado à vida social, conforme o pensamento de vários autores. A narrativa literária enquadra-se no contexto sócio cultural do autor, ou seja, segue as regras literárias da época em que é escrito, do país de origem e não apenas da ideia criativa do mesmo. Por isso, o estudo de determinadas obras é esclarecedor no sentido de apresentar fatos e valores vigentes naquela sociedade.

Em resumo, a crítica sociológica preocupa-se com grupos sociais e não se limita apenas ao indivíduo, engloba a sociedade como um todo estabelecendo que por meio da leitura e da análise da obra é possível perceber a relação estética “entre a realidade social, coletiva e representação artística” (BRANDÃO, 2009, p. 142).

O desenvolvimento da identidade na terceira idade necessita de um grande número de intercessores e, dependendo desses, os potenciais e limites são diferenciados. Melhorar as condições dos espaços educacionais destinados aos idosos ainda carecem de ações, a baixa expectativa de si mesmo por parte dos idosos precisa ser melhorada para que esse se sinta valorizado, conheça suas habilidades e potencial além de ser estimulado para a convivência social com outros idosos.

É fato que, com a aposentadoria, o cessar do trabalho produtivo, a maioria das pessoas vê sua autoestima diminuir, o idoso passa a sentir-se mais um, já não se sente necessário. Por esse lado, o envelhecimento passa a ser considerado improdutivo por

alguns, já que a velhice não é uma época que tem começo e fim, não deve estar voltada apenas em direção à morte, pois os idosos devem manter sua vitalidade no convívio com a família, nos eventos sociais, exercer sua sexualidade sem preocupar-se em determinar datas e tempo para viver, encarando o envelhecimento como processo e não uma etapa. Envelhecer não significa perder a jovialidade.

A passagem do tempo não caminha apenas para a doença, para a solidão ou para a inutilidade. Conforme cita Ecléa Bosi, apesar da desvalorização social enfrentada pelo idoso:

Nas sociedades mais estáveis, um octogenário pode começar a construção de uma casa, a plantação de uma horta (...). Quando as mudanças históricas se aceleram e a sociedade extrai sua energia da divisão de classes, criando uma série de rupturas nas relações dos homens com a natureza, todo sentimento de continuidade é arrancado de nosso trabalho [...]. A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor ou reprodutor. [...] O velho não participa da produção, não faz nada: deve ser tutelado como um menor. Quando as pessoas absorvem tais ideias de classe dominante, agem como loucas porque delineiam o seu próprio futuro (1987, p. 35-36).

Simone de Beauvoir afirma que, “existir, para a realidade humana, é temporalizar-se: no presente, visamos ao futuro através de projetos que ultrapassam nosso passado [...]” e, ainda, “a idade modifica nossa relação com o tempo; ao longo dos anos, nosso futuro encolhe, enquanto nosso passado vai-se tornando pesado”.(1990, p. 445).

Há uma preocupação recente no Brasil contemporâneo, que até pouco tempo atrás era considerado um país de jovens, com a valorização do idoso e melhorias na qualidade de vida, esse fato condensa esforços que visam a modificar a forma de olhar a velhice e vê-la como “uma experiência radicalmente distinta para homens e mulheres. As diferenças de classe, que dão conteúdos específicos à velhice, são minimizadas ante as diferenças de gênero” (DEBERT, 1994, p. 34).

Esse olhar a velhice com outra perspectiva mostra que o idoso não se preocupa com o tempo de vida que terá, mas com a qualidade desse tempo, com as relações interpessoais e com suas limitações. Apesar de todas essas melhorias, a sociedade contemporânea cada vez mais valoriza o culto ao corpo e a beleza e caracteriza a velhice como ter um corpo imperfeito, fraco e enrugado. Exige que o padrão de beleza e juventude seja o corpo esbelto, músculos modelados em academias e o corpo perfeito passaram a pré-requisitos para a beleza.

A indústria da beleza e os procedimentos estéticos transformaram-se em gêneros de primeira necessidade da mesma maneira que os alimentos balanceados, cosméticos, tratamentos estéticos e intervenções cirúrgicas das quais muitos lançam mão para atingir a beleza perfeita. A felicidade e a aceitação social do indivíduo estão diretamente associadas à beleza corporal:

A correção física da aparência corpórea, ou melhor, a experiência narcísica de construção da imagem do corpo idealizada, também, está aliada à propagação das informações veiculadas pela mídia que nos bombardeiam, ininterruptamente, com imagens. Sigamos suas instruções de consumo. Elas difundem a crença de que é possível “silenciar” os sinais indicadores da passagem do tempo e negar a possibilidade da premência da morte. (PITANGA, 2006, p.42).

Trata-se, na visão de Danielle Pitanga, de um contexto cultural que está se desenvolvendo em torno da juventude. Convergindo nessa direção, ele exclui o idoso, confirmando o estado de segregação. A cultura narcísica e espetacular atribui à velhice uma conotação de déficit, desgaste e perda, reservando, por outro lado, à juventude, o benefício e a aquisição.

A escritora Lya Luft, que tem a velhice como um dos temas mais representativos de sua narrativa, afirma que não é contra os procedimentos estéticos disponíveis. Relata que atualmente esses procedimentos para retardar o envelhecimento são considerados quase obrigatórios. Essas coisas impostas que obrigam as pessoas a ser atletas e fazer sexo compulsivamente têm como consequência as pessoas ficarem tão atentas a esses parâmetros que acabam esquecendo-se de viver. Passam por um sofrimento desnecessário, em especial as mulheres que são muito mais cobradas pela sociedade:

Na ambição de serem sempre jovens, as mulheres acabam perdendo o próprio rosto. São os falsos mitos da juventude para sempre. E isso também inclui a febre atual da mídia, particularmente nas revistas femininas. Só se fala em como se pode ter vários orgasmos numa única noite. Só se fala em como a mulher deve agir para segurar seu homem pelo sexo, especialmente o oral. São fórmulas de um mundo conturbado, que foge ao afeto, distante de qualquer felicidade. Essa é outra coisa para o enlouquecimento. Em todo lugar, o que existe é a supervalorização do sexo. Quem não estiver fazendo sexo sem parar o tempo todo passa a ser anormal. Muita gente fica complexada porque não consegue vários orgasmos numa noite. É tudo uma imposição. (LUFT, 2004, p. 106).

A autora relata, ainda, que não escreve apenas sobre as mulheres, mas, sim, sobre os fatos que a assombram no cotidiano e tem compromisso firmado com a dignidade da escrita. Registra que sabe ser difícil fugir das convenções sociais, em uma

sociedade que cobra atitudes de todos como se fôssemos uma única pessoa. É necessário fazer meditação, cursos, reflexão, academia, ginástica, correr, caminhar ter espiritualidade e, ainda, viajar, conhecer, frequentar, aparecer afinal. A felicidade tem hora marcada: “Na juventude somos aprendizes, somos amadores na vida. Na maturidade devíamos ser bons profissionais do viver: lúcidos e ainda otimistas, mais serenos, de uma beleza diferente, produtivos e competentes” (LUFT, 2004, p. 106).

Em alguns casos, Lya relata que mulheres conseguem se repensar e reformular-se na maturidade, com o crescimento dos filhos e, conseqüentemente, maior liberdade e tempo, notam que ainda resta energia e vitalidade. Isso faz com que novos caminhos se abram no campo das artes, da literatura, das ciências, e até para uma nova carreira. Depende única e exclusivamente da própria pessoa, conclui.

Cabe ressaltar o questionamento: juventude eterna garante realização e satisfação pessoal? A velhice ameaça de tal forma que deve ser rejeitada? Esses e outros questionamentos importantes sobre o envelhecimento e a velhice podem ser analisados sob a perspectiva psicológica da obsessiva busca pela perfeição corporal. O alto índice de academias e terapias corporais, a indústria farmacêutica com lançamentos para potencializar a sexualidade, métodos rejuvenescedores confirmam aquilo que é cantado: “Narciso acha feio o que não é espelho”, de acordo com Caetano Veloso em sua composição Sampa (1978).

Para a psicóloga Danielle Pitanga, o eu privatizado e grandioso, apesar de sua ilusão de onipotência, torna-se dependente dos semelhantes para legitimar sua própria auto-estima:

O culto à auto imagem esvazia o sentido de historicidade e o senso de realidade. A tendência é a supressão do tempo processual. Submerso pela oferta de mercadorias, o sujeito contemporâneo restrito ao polo narcísico de seu par desliga-se do compromisso social, banaliza ideais coletivos, não se preocupa com os desejos e sentimentos alheios, nem valoriza os princípios norteadores da alteridade: troca, acolhimento, respeito e solidariedade (2006, p. 56).

São sentimentos que, aos poucos, estão caindo no esquecimento. As pessoas não estão mais preocupadas e nem encontram tempo para preocupar-se com o outro. Tudo volta para si próprio, o indivíduo está se desvinculando do passado o que torna o futuro imprevisível. Aquele que não se enquadra nas condições de boa aparência, físico em forma atlética, boas performances, engajado no *fitness* é um perdedor, está fora do círculo, o que pode causar uma vulnerabilidade intensa. Dentro do grupo dos perde-

dores, encontram-se os idosos. Impõe-se uma profunda e insuportável sensação de mal estar aos indivíduos que não correspondem ao modelo estético corporal perfeito:

De acordo com essas colocações, pode-se perguntar: se a inquietude e o incômodo vinculados diretamente à imagem corpórea, emergem quando houver, de algum modo, a deterioração da forma física, como se sentem os idosos? Existem inexoravelmente transformações que se inscrevem no corpo do sujeito em processo de envelhecimento. No entanto, mesmo sendo da ordem do inexorável, o ideal seria não uma tentativa de ocultação ou fuga, mas vivenciar o envelhecer da melhor maneira possível. Afinal, as qualidades interiores: inteligência, dignidade, benevolência, saber escutar o outro, capacidade de compreensão, ternura, doação, tendem a se aprimorar e a sobressair; afirmando-se sobre as físicas (PITANGA, 2006, p. 61).

Esclarecendo da melhor maneira, a personalidade de cada um deve sobrepor-se ao desgaste físico e a tudo que a passagem do tempo acarreta. Aceitar a passagem do tempo é o melhor remédio para a cura dos males do envelhecimento. Tudo o que somos é resultado da nossa vivência e das experiências vividas. Fortalecer os laços de amizade, familiares, manter a vitalidade, a elegância, criar projetos e encantar-se com novos projetos e possibilidades são o que vai consolidar a história e não enfatizar o pensamento de que a juventude é bela e a velhice é o castigo. Dessa maneira declara a atriz Cássia Kis Magro em entrevista à Revista Trip que, aos cinquenta e sete anos, relata que nunca sentiu-se prisioneira de padrões ou estereótipos e admira o caminho que escolheu. Acha o caminho do envelhecimento bonito e pretende fazê-lo com dignidade, apesar de não querer submeter-se a procedimentos estéticos não se posiciona contra quem lança mão de cirurgias corretivas e embelezadoras. Gosta de personagens marcantes e usa de sua beleza natural para dar vidas a elas afirmando não sentir-se velha e não ter tempo para pensar em velhice. Mãe de quatro filhos tem que estar bem fisicamente, pratica musculação, faz alongamentos e flexões “para aguentar o rojão”. Cássia diz não temer a morte e se cuida para viver bastante e bem.

Não se deve esquecer que todos caminham para esse estágio da vida e que, apesar do envelhecimento corporal, a memória tem o registro das experiências vividas. O velho viveu as brincadeiras da infância, loucuras da juventude, as responsabilidades familiares, a convivência com os amigos, amou e foi amado, afinal, é o amor e o desejo que impulsionam a vida e não é por estar envelhecendo que o sexo deve ser esquecido.

Por muito tempo, o ato sexual estava vinculado à procriação, assim como o desejo vinculado ao âmbito animal. Esse pensamento exclui o dos exercícios amorosos e das necessidades do corpo, conforme Adélia Prado em poesia:

Melindres

Nenhum pecado desertou de mim.
Ainda assim eu devo estar nimbada,
Porque um amor me expande.
Como quando na infância
Eu contava até cinco para enxotar fantasmas,
Beijo por cinco vezes minha mão.
Este é meu corpo,
Corpo que me foi dado
Para Deus saciar sua natureza onívora,
Tomai e comei sem medo,
Na fímbria do amor mais tosco
Meu pobre corpo
É feito corpo de Deus. (2010, p. 28)

No poema, Adélia Prado reconhece a materialidade do corpo que veio de Deus, o sagrado, e ao mesmo tempo declara sua parcela profana, o pecado. Utilizando linguagem religiosa, declara-se especial por ter um amor e reconhecer seu corpo. Apesar do corpo envelhecido, a alma é jovem.

As obras de Adélia Prado e Agostinho Both, em suas variadas incursões e constatações, refletem o processo de envelhecimento traçado na literatura contemporânea. Essas reflexões tornam-se pertinentes, pois com uma maior expectativa de vida, maior se torna o tempo de aprendizagem e envelhecimento. Decorre daí, portanto, a possibilidade de se chegar a uma análise crítica das obras dos dois escritores, expondo de forma peculiar, criativa e abrangente, a multiplicidade de ideias e conceitos sobre o envelhecimento e seus desdobramentos, que vão desde as limitações naturais e socialmente impostas até questões de enfrentamentos das adversidades da velhice.

Qual o legado literário sobre o movimento de pessoas que envelhecem e mostram a felicidade ou a infelicidade de se ter uma vida longa? Como conceituar a velhice, retratada na literatura contemporânea, se é uma fase que todos temem, e buscam desenfreadamente pelo elixir da longa e jovem vida, mas que, ao mesmo tempo traduz-se em possibilidades de inclusão, de superação, inovação e (re) construção de projetos de vida.

Anteriormente, a literatura científica tem-se mostrado precária em conceituar a velhice, devido à visão parcial e/ou distinta das diversas disciplinas que lidam com o

tema, pois o envelhecimento é um processo permanente e sua avaliação varia de geração para geração, de acordo com constantes descobertas científico-tecnológicas (DOURADO; LEIBING, 2002; GAGLIETTI; BARBOSA, 2007, p. 234-235).

Dentre as várias formas de categorização que tentam definir os limites entre as idades, quer sejam sociais, culturais e psicológicas, nenhuma menciona o vivenciar a velhice, todas são generalizações vagas e arbitrárias. Os referenciais disponíveis sobre a terceira idade permanecem insuficientes para defini-la, sendo impossível estabelecer uma conceituação ampla e aceitável em relação ao envelhecimento (VERAS, 1994, p. 23).

Simone de Beauvoir (1990) define a velhice como um fato biológico. O organismo do idoso apresenta singularidades. A velhice traz consigo consequências psicológicas, pois certos comportamentos são considerados típicos da idade avançada: “Como todas as situações humanas, ela tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história” (BEAUVOIR, 1990, p. 123).

Com o passar do tempo, o indivíduo identifica-se mais consigo mesmo valorizando sua experiência, a bagagem que a vida oferece e passa a olhar o mundo com um olhar diferenciado.

A análise da prosa de Adélia Prado e das demais obras aqui apresentadas concentra-se em alusões referentes ao envelhecimento feminino e seus múltiplos contextos descortinando novos horizontes, sem, contudo, descartar ou esquecer que o envelhecimento masculino é alvo das mesmas inquietações e questionamentos. Dessa maneira, faz-se necessário identificar as propostas para um envelhecimento saudável e a viabilidade dessas junto à sociedade, no sentido de mudar a percepção sobre a velhice oferecendo melhoria na qualidade de vida nessa fase, uma vez que a sociedade “mira cada vez mais nos valores da juventude e progresso” (LIMA, 2008, p. 3).

De acordo com os autores acima citados podemos indagar: Qual é o medo maior: ficar velho ou aparentar velhice? Segundo Maria Helena Villas Boas Concone (2007), é opinião geral, com poucas exceções, que a chamada terceira idade atrapalha, incomoda, ocupa espaço e tantas outras expressões. Mesmo tendo esse segmento etário conseguido alguns privilégios e conquistas sociais importantes, ainda é de certa forma, visto preconceituosamente por pessoas que não imaginam seu próprio envelhecimento.

Manter o idoso produtivo estimula a memória, o psicológico, autoestima, cidadania, autonomia, o espírito crítico e a socialização. Portanto, envelhecer com saúde não apenas se refere ao aspecto físico, mas é uma realidade mais complexa. Estamos preparados?

Então, se ficar velho é uma coisa distante, parecer velho é inaceitável para determinados grupos. Segundo Concone (2007, p. 19), seu estudo não é uma “reflexão antropológica sobre o envelhecimento, mas sim, de reflexão de uma antropóloga que envelhece”.

Glória, personagem adeliana, reflete sobre a importância que as pessoas têm frente à sociedade e a família. O idoso é parte acolhida pela família por amor ou pelos interesses em função de suas posses? Essa é uma questão social recorrente.

Esse pensamento transmite a obrigação que Glória sente com relação à família. Preocupa-se com o envelhecimento e com o que a sociedade pensa a respeito dos velhos. O pensamento que a preocupa sobre quantos anos ainda viverá é recorrente em sua vida assim como a busca pela impossível eterna juventude, pelo menos fisicamente, porém, existem formas de manter a disposição e a juventude cognitiva através de atitudes que incentivem o convívio social e o aprendizado. Uma delas, conforme cita Concone (2007), é a oferta de cursos de graduação superior oferecidos por universidades públicas e destinados à terceira idade.

Apesar de estarem sempre lotados, especialmente por senhoras, em sua grande maioria, que se apresentam muito bem arrumadas e elegantes, essas presenças ainda são passíveis de observações discriminatórias por parte de funcionários das instituições e alunos sobre os velhos que estão ocupando espaço e atrapalhando a rotina. É imperativo que essas condutas sejam erradicadas dos meios acadêmicos e sociais, que essas oportunidades contribuam para a valorização do idoso e suas iniciativas.

Na poesia adeliana, existe uma linha que demarca os traços físicos, sociais e psicológicos, atravessando as barreiras da cultura, indicando que a idade avançada passa por reformulações enfrentando desafios. Estudos sobre as questões do envelhecimento são destaque desde o final do século XX, quando psicólogos passaram a compreendê-las e priorizá-las, entretanto, a demarcação de estágios de envelhecimento em uma sociedade cuja estimativa de vida chega aos cinquenta anos e em outra com estimativa de oitenta anos resulta em uma transformação no estudo do desenvolvimento psicológico do envelhecimento.

As mudanças na composição etária da população mundial e nacional, segundo Maria Helena Villas Boas Concone (2007), serão o fator mais significativo para mudanças de concepção e busca de novas perspectivas individuais e sociais. Derrubar mitos cristalizados, como feiúra, doença, taras, demência, perdas, falta de memória e ausência de perspectivas, não é tarefa rápida ou fácil. Mas esse processo já está em andamento. A geração idosa de hoje já é diferente daquela que a precedeu e isso continua em escala gradual. Como também já é diferente a geração jovem. Como velhice e doença formam um par nas nossas representações, a busca do envelhecimento saudável fica entre a obrigação e a contradição, praticamente, uma meta difícil de alcançar. Dessa forma, devemos reconhecer que, enquanto não construirmos um forte modelo alternativo de velhice, os caminhos continuarão restritos.

3 ADÉLIA PRADO E SUA OBRA

Deus é mais belo do que eu.
E não é jovem. Isso sim é consolo.
Adélia Prado

Adélia Prado considera que, independentemente de sexo, crença, ou idade, é possível vivenciar tanto a felicidade e a alegria quanto as angústias e os medos, sentimentos que, para a autora, vieram à tona por meio da escrita de seus poemas e narrativas, libertando-a e proporcionando-lhe a plenitude.

Considerada uma escritora contemporânea de grande representatividade nacional, ela cria suas obras pela perspectiva feminina, sendo a mulher a personagem principal. Sua linguagem coloquial identifica-se com mulheres de todas as classes sociais. É leve, simples e suave, sem ser feminista ou libertária, é delicadamente erótica, características preponderantes em sua literatura.

Sua obra **Cacos para um vitral** (1980) é um exemplo fidedigno de sua peculiar escrita. A narrativa, em terceira pessoa, apresenta a personagem Maria da Glória Fraga, reflexiva, incoerente, alegre e, ao mesmo tempo, tensa, em alusão à mulher contemporânea. Essa obra é considerada fundamental no que tange ao entendimento da literatura de Adélia Prado, pois, nela, a autora define a poesia e a prosa e, ainda, aflora sua poética. A narrativa é firmada em pequenos pedaços de vida, combinados entre si, pedaços, retalhos, lembranças que, através do tempo, são parcialmente esquecidos e renascem fragmentados e reunidos como se fossem um vitral, momento em que a vida pudesse ser relida.

Nesse sentido, a autora suscita questionamentos, ao mesmo tempo em que expõe sua ideia sobre a importância das partes para a formação de um todo:

No caderno de Glória: um romance é feito das sobras. A poesia é núcleo. Mas é preciso paciência com os retalhos, com os cacos. Pessoas hábeis fazem com eles cestas, enfeites, vitrais, que por sua vez, configuram novos núcleos [...] O centro da gema é mais nucleal, mais central, mais gema que sua própria beirada? O centro tem outro centro? (PRADO, 2006, p. 65-66).

Dessa forma, o leitor é convidado à reflexão sobre as várias etapas que compõem a vida. Maria da Glória é a personagem de Adélia Prado que reúne suas lembranças em poética e prosa, características do texto adeliano, “remexendo papéis, Gló-

ria achou uma anotação com sua letra: retalho de poesia dá excelente prosa [...]” (PRADO, 2006, p. 102).

É representada por Adélia Prado como uma pessoa comum, uma professora, casada com Gabriel que, ao longo da história, vai se revelando e se impondo, ao mesmo tempo em que reúne fragmentos de sua história e temas que lhe são importantes. A vida da personagem funde-se com a criação literária da autora, tecida com pequenos acontecimentos, conversas coloquiais com os filhos, vizinhos e amigos, sendo assim construídas as memórias da personagem, em alinhavo às partes, como à confecção de uma colcha de retalhos.

O livro **Cacos para um vitral** pode ser analisado em duas partes, além de trazer à luz a compreensão de sua obra como um todo, é uma interligação entre prosa e verso, em que os retalhos, as sobras, os cacos transformam-se em texto, combinados de forma a montar um quebra cabeças, uma espécie de vitral de lembranças.

Como toda a literatura de Adélia Prado reflete o cotidiano, a narrativa de **Cacos para um vitral** não foge à linha da autora. Há a alternância de situações cômicas e seriedade, bem como fatos do cotidiano, conversas, acontecimentos, expressões populares e credices. Sua composição fragmentária revela-se através da união dessas frações pela autora, da mesma maneira que a personagem Glória guardava suas anotações em pequenos papéis para depois uni-los em romance.

Glória vive o drama da mulher casada numa sociedade machista na qual as mulheres são responsáveis pelos afazeres domésticos, até os mais pesados que, apesar das mudanças sócio-históricas e das conquistas alcançadas pelas mulheres, ainda lhe cabem, por interferência da educação patriarcal que, por demais enraizada, insiste em prevalecer. Sabiamente, a autora de Divinópolis retrata essa situação:

Todo domingo, na folga da Jucineide, Glória, Maria e Ritinha sofriam o peso da cozinha e da casa enquanto Gabriel e os meninos continuavam sendo homens. Culpa minha, pensou Glória, que não consegui educá-los bem. Odiava nos serviços domésticos a excomunhão automática dos machos, o privilégio. As mulheres eram injustiçadas. Por isso enraivecia-se, bruta, megera: Francisco, queime os papéis do banheiro. Mãe, pelo amor de Deus, pode falar todas as palavras certinhas, mas não fala ‘papéis’ não. O menino obedecia com raiva, a tromba virada, humilhado por fazer ‘serviço de menina’. Um dia Glória surpreendeu-se enormemente. Ele levantou cedo, arrumou a cozinha da véspera, forrou a mesa, fez café, bebeu e foi para a escola. Milagre dos milagres, Francisco machinho machista, sem que ninguém mandasse, lavou os pratos feito um homem que não deve explicações a ninguém. Glória se sentiu como um cavalo cansado ganhando um torrão de açúcar e dançou na cozinha. (PRADO, 2006, p. 29).

É um quadro histórico, em especial, ao posicionamento feminino que se coloca como lutador e defensor de causas feministas, direitos educacionais, cidadania, jornada dupla de trabalho e ainda ter a preocupação dos afazeres domésticos e do cuidar da família. Paralelamente, segue uma jornada árdua em relação ao envelhecimento. Em meio a tudo isso, existe ainda, a busca pela juventude, beleza e estética corporal que são impostas às mulheres pela sociedade, como pode ser observado no discurso de Glória, afinal, dizia refletia ela: “bom pra pele é ter quinze anos” (PRADO, 2006, p. 44).

Essa conversa nos remete a algumas personagens da literatura brasileira contemporânea, cujas autoras, na mesma esteira de Adélia Prado, encenam a questão com bastante preocupação sobre o sentimento de desgaste pela passagem dos anos, experimentado, principalmente, pelas mulheres que se inquietam com a chegada da idade, como no livro **A nova mulher**, de Marina Colasanti: “[...] Estou ficando velha. Meu rosto não é mais o que era. Eu gostaria de envelhecer tranquilamente, mas não consigo. Não consigo me dar esse direito e sentir-me bem” (1980, p. 185).

Questões salientadas por Colasanti nesse texto de 1980 ainda podem ser sentidas, atualmente, na vida de muitas mulheres, independente da classe social. A dependência econômica e emocional ainda é um entrave a ser superado diariamente, atrasando o processo de desenvolvimento da mulher. A mídia e a literatura, ou seja, os discursos que operam com o simbólico podem libertar as mulheres das armadilhas de gênero ou podem trancafiá-las eternamente, possibilitando sua limitação e uma existência humana reduzida. Uma mulher dependente não experimenta as suas potencialidades humanas porque nunca ultrapassa os limites estipulados para ela. O pior é que ela pode acabar se convencendo de que a vida é assim mesmo: sem asas, sem vento, sem horizontes.

Ao contrário do desabafo na narrativa de Colasanti e já em tom de naturalidade, Lya Luft considera o passar dos anos como um processo normal do desenvolvimento dos indivíduos, que deveria ser experimentado como uma nova vivência, com novos prazeres, sob os benefícios adquiridos com a maturidade: clareza de percepção de si mesmo e do mundo à sua volta e a liberdade de se expressar em consonância com seus interesses e convicções. Dessa forma, brinda-nos com sua sabedoria:

Amadurecer serve para isso: o novo olhar, na lucidez de certo distanciamento, permite compreender aspectos nossos e alheios antes obscuros. Por vezes promove-se uma espécie de anistia. Partindo dela podem-se reconfigurar padrões. Gosto de usar a palavra anistiar – melhor que perdão, pois não tem co-

notação religiosa, nem dá a ideia de que somos bonzinhos perdoadando alguém. Nem a nós mesmos (LUFT, 2004, p. 68).

Nesse contexto, percebe-se que as mulheres, de modo geral, sentem vergonha de envelhecer e perder a beleza corporal apresentada na juventude. É notório, porém, que as mulheres são mais cobradas do que os homens, em termos de aparência estética. A mulher deve ser sempre elegante, estar sempre bem arrumada, enfim é preciso, cuidar-se. A personagem delineada por Adélia Prado não foge à regra, como pode ser observado no comportamento de Maria da Glória, ao completar quarenta anos: “sente vergonha de parecer velha. Parecia que tal coisa desabonava os parentes, desabonava o Brasil” (PRADO, 2006, p. 25). Certo dia, ao chegar da rua, desaba na cama ao lado do marido Gabriel e desabafa: “- não aguento ficar velha, Gabriel, não aguento. Ele disse: - Deixa eu cortar sua unha, todo mundo fica velho. – mas eu fico do jeito pior.” (PRADO, 2006, p. 61). Sua reação frente ao envelhecimento é de desespero e incompreensão.

A atitude de Gabriel demonstra a diferença de preocupação com o envelhecimento por parte dos homens, no geral. Para ele, trata-se de um processo natural, como evidencia na expressão **todo mundo fica velho**. Ele, convicto dessa evolução, tenta amenizar a apreensão de sua esposa, demonstrando a importância dela para ele ao tentar confortá-la, trazendo-a, carinhosamente, para junto dele, com o pretexto de cortar-lhe as unhas.

Hábitos de higiene saudáveis como cortar as unhas ou escovar os dentes conservam a saúde de um corpo que nos é emprestado até a morte e, dele, devemos cuidar e conservar para que o envelhecimento seja mais ameno. Gabriel responde à Glória que todo mundo fica velho, mas o fato de pedir-lhe para deixá-lo cortar suas unhas refere-se ao cuidado, ao estar sempre bem e com boa aparência, independentemente do passar dos anos.

No desenrolar do enredo, várias passagens retratam a rejeição de Maria da Glória ao curso da vida. Como por exemplo, quando a filha Maria Ihe comunicou a intenção de trabalhar em outra cidade, ela sentiu a passagem do tempo novamente, ao perceber que sua filha tinha crescido. O diálogo entre mãe e filha revela esse estado de não aceitação:

Por quê Bambuí filha? Quero saber o que sentem as meninas que não tem as coisas como eu tenho. As pernas de Glória amoleceram. Seria menos duro se a menina dissesse: mamãe, vou me casar amanhã. Não soubera dizer do obs-

curo desejo do seu coração, mas glória tinha certeza, vou para um escritório em Bambuí, sem que a menina soubesse em sua inocência, significava: pai, não quero sua casa, sua veste, sua comida, seu amor equivocado. [...] Glória pressentindo o maravilhoso terrível, em sua fraqueza desejou lhe fosse pedida uma oferenda menor. Ali, na sua casa, Deus como um ladrão. Ô filha, deixo sim. E escondido da menina chorou convulsivamente. (PRADO, 2006, p. 25-26).

Sobre esse desespero sentido por Glória cabe uma questão: envelhecer é poético? Talvez! Com base nesse questionamento, a Universidade Federal de Campina Grande, na Paraíba, lançou um concurso literário com o tema “Envelhecer é poético?” que integrou variadas atividades do curso de extensão na área cultural realizadas pelo Programa de Educação Tutorial (PET – Letras), em 2013. O objetivo, além da homenagem à terceira idade, foi refletir e ponderar sobre o papel, o lugar e os destaques dos idosos na sociedade brasileira, abrangendo escritores iniciantes e outros com reconhecimento na área das Letras.

O envolvimento do grupo de estudos foi de tal maneira proveitoso que as visitas solidárias transformaram-se em sessões de escuta e aprendizagem sobre a vida e as vivências desses idosos que têm uma importância real em determinados países e são praticamente esquecidos no Brasil.

Vinicius de Moraes também expôs suas impressões sobre o sentimento que envolve as pessoas, em relação às mudanças que vivenciam com a progressão da idade:

É curioso como, com o avançar dos anos e o aproximar da morte, vão os homens fechando as portas atrás de si, numa espécie de pudor de que o vejam enfrentar a velhice que se aproxima. Pelo menos entre nós, latinos da América, e sobretudo, do Brasil. E talvez seja melhor assim; pois se esse sentimento nos subtrai em vida, no sentido de seu aproveitamento no tempo, evita-nos incorrer em desfrutes de que não está isenta, por exemplo, a ancianidade entre alguns povos europeus e de alhures. (1980, p. 53).

Da mesma forma, Lya Luft relata que organizou um grupo de estudos para dialogar sobre a maturidade, suas perdas e ganhos. O grupo, composto inicialmente de dez mulheres, começou a trocar experiências sobre o amadurecimento, passando aos poucos, através de leituras pertinentes, a discutir alegrias, sonhos, projetos e medos. Criou-se um clima de cumplicidade, troca de experiências e vivências, o que permitiu que elas se surpreendessem e percebessem que não estavam sozinhas.

Com esse envolvimento, as manifestações foram surgindo espontaneamente, aflorando a coragem de compartilhar as experiências, conforme exposto por Lia Luft:

“Nossa! Pensei que só eu fosse assim. Achei que ninguém tinha esse problema” (LUFT, 2004, p. 62).

Os relatos adentraram caminhos que nunca foram sondados por aquelas mulheres, discutir a vida que levavam desde sempre e olhar para trás através da lente do amadurecimento proporcionou autoestima, alegrias e a experiência de que envelhecer, ou melhor, amadurecer, pode sim, tornar a vida mais feliz.

Glória tenta de todas as maneiras, evitar a velhice e adota variadas “soluções” para tal, como dormir sem travesseiro, diluir a gelatina no leite, utilizar cosméticos “milagrosos”:

Joana telefonou: descobri a salvação pra nós. Dizem que tem um creme, receita de cirurgião plástico, pra parente não sei de quem, o creme é até pra hemorróida, mas dizem que pra ruga não tem melhor, a gente passa e é quinze anos de menos, minha filha. Só tem um cheiro de peixe muito ruim. Achando em Belo Horizonte trago pra nós. Joana desligou. (PRADO, 2006, p. 12).

Após essa conversa, começou a repensar sua vida e a revisar o sentimento de culpa que, em outra época, havia sentido por admirar outros homens e, agora, com o passar dos anos, acometia-lhe o arrependimento por não ter aproveitado a chance de usufruir o desejo que sentia ao perceber os olhares masculinos. Agora, ela sabia o que é ser feliz sem culpa:

Ela bem sabia o que Lucio apreciava nela, o mesmo que Luis, Albano, o mesmo que Alexandre. Albano pegara no seu pulso: não insista menina – há dez anos atrás ouvira isto sem corar: menina. Glória encabulada com a presença intempestiva de Albano, as panelas na mesa, àquela hora horrível, os meninos choramingando, ela insistindo sem saber o que dizer: almoça Albano, almoça com a gente, admiradíssima daquele príncipe em sua casa. Não queria almoçar, nem ir embora, queria o quê? Ela sentindo a pressão no seu pulso e a enorme perturbação, o começo do que foi delícia e grande sofrimento. [...] [Albano] Era seu primeiro pensamento no dia, o último também antes de dormir. Foi um tempo difícil, adoeceu e culpou-se, culpou-se por causa de Gabriel, dos meninos. Que bobagem, refletia agora. Se fosse hoje saberia aproveitar sem dor: um homem e uma mulher. [...] Desejou ver Albano, agora sim saberia o que fazer. Beberia a água sem quebrar o pote (PRADO, 2006, p. 30).

Sendo assim, ansiava por reencontrar também Lúcio, pois tinha certeza de que se o encontrasse:

Se durante o dia encontrasse Lúcio tinha certeza de lhe transmitir o mesmo saborosíssimo, misterioso impacto. Lúcio se perturbaria sem arredar pé. Como ela mesma: discreto e abrupto. Lúcio queria o quê? Adejavam ao seu redor rapazes amaneirados, moças, senhoras e ela sem adejar o prendia no seu sonho, hipnotizado e dizia-lhe: Olha: é um casulo. No meio da tarde ele telefona-

ria atendendo a ordem do denso pensamento de Glória: Não quer fazer com a gente o programa da festa de São Domingos? Glória estava aprendendo a ser feliz sem culpa: só se for agora responderia a Lúcio (PRADO, 1980, p. 14).

Os pensamentos de Glória não tinham freios, pensava e repensava, todos os dias, todas as horas e aquilo lhe machucava o coração e o pensamento também: “Glória pensava, sem propósito: coisa monstruosa seria um menino de quinze anos me olhar com olhos de quarenta, me encarando nos olhos, depois no queixo, etc. É ótimo Gabriel ser mais bonito que eu, me honra, me eleva e me consola” (PRADO, 2006, p. 24).

Em sua mente conturbada, Glória pensava e repensava. Ao mesmo tempo em que pensava no que faria ao encontrar Lucio ou Albano, sentia também que não gostava de sentir alguém a devorando com os olhos. Ela não se conformava com as mulheres mais simples, da roça, que andavam à sua frente maltratadas pelo tempo e pelo sol sem se incomodar, com sua aparência feia e velha:

Descia a rampa da rodoviária atrás de duas mulheres da roça, a carinha macegada de rugas, feiazinhas azafamadas: a condução sai, De Lurdes, anda ligêro, olha a sacola. Sentam e passam a mão no cabelo e vão pro destino. Importam-se lá que estão ficando velhas? Têm mais é que arranjar emprego pra dois filho rapaiz (sic), ó minha nossa senhora (PRADO, 2006, p.24).

A única preocupação delas era com a subsistência e com o emprego dos filhos. Glória, apesar de ter as mesmas preocupações com os filhos, em vê-los bem empregados, trabalhando e tornando-se independentes, pensava em si mesma e preocupava-se: “tinha vergonha de parecer velha. Parecia-lhe que tal coisa desabonava os parentes, desabonava o Brasil.” (PRADO, 2006, p.25).

Envelhecer é, dentro da nossa sociedade brasileira, um problema estritamente ligado à classe social: a faxineira do subúrbio, com filhos a sustentar, marido a cuidar, mal equilibrada na corda bamba que se estende entre seu orçamento e as despesas, dificilmente terá condições de preocupar-se com as rugas que marcam seu rosto. E mesmo que chegue a ter essa preocupação, está virtualmente impedida de repará-las, ou sequer de sonhar com plástica. Ao mesmo tempo, não está sendo compelida pelo meio, pois todas as mulheres que a rodeiam estão na mesma situação. O envelhecimento torna a adquirir, então, por questões econômicas, a característica que tinha no início das coisas (COLASANTI, 1980, p. 184).

Os pensamentos de Glória fluíam, ela não se permitia nem mesmo pequenos gastos, nem sentir o gosto que a vida tem sem se sentir culpada. Sua história nos re-

mete a um caleidoscópio, são surpresas a cada movimento. O envelhecimento que tanto a aflige é demonstrado nesse sentimento de culpa que a assola. É culpa por gastar dinheiro, culpa por estar envelhecendo e culpa por não ter tirado proveito de sua vida como achava merecido:

Nada não é continuado, só ficar velho é que não para. Glória serviu o café, satisfeita com a hora do recreio que era a conversa metralhada da Constância, falando agora com sentimento, sem galhofa: meu pai ensinava: ninguém pode viver sem ilusão. Mas eu sei, que conheci ele muito bem e conheço a vida, sei que não é ilusão o que ele queria dizer. Ilusão é coisa fraquinha, ilusão é bolha de sabão. Ele queria falar é sentimento, coisas que consolam e dão paciência, me fazem sossegar no ponto, esperando a Glória de Deus.” (PRADO 2006, p. 36-37).

Ouvindo a conversa de Constância, Glória lembrava-se de Gabriel, tão amoroso, dedicado, apoiando-a em tudo e sendo delicado em não tocar no assunto idade. Ele sabia que aquilo a mortificava e preocupava.

As conversas no intervalo das aulas nem sempre a atraíam muito, mas gostava de tomar o café e deixar o pensamento fluir. Já em casa aprontando-se para uma festa toca o telefone, era Joana:

Olha aqui, todos os nossos problemas resolvidos. Trouxe pra nós duas o Preparado H. O quê? perguntou Glória. O creme contra rugas, criatura, já esqueceu? Comprei seis tubos. Deixo aí mais logo. Glória escreveu no jornal ao lado do telefone: Preparado H. Rasgou o pedacinho de papel, pôs no bolso da camisa com intenção de receitar a mágica pra Matilde sua irmã e foi lavar a cabeça no tanque pra ir à festa no Clube Estrela Dalva. Ensaboava a cabeça no ritmo dos pensamentos, ria lembrando Joana lhe cutucar na última festa do clube, quando Percília Chagas, anunciada como o ‘Dicionário da Elegância’, entrou acompanhada do poeta Almerindo, ‘Pena Dourada do Indaiá’, a Percília com o cabelo altíssimo. Francisco chegou na janela: que é isso, mãe? To rindo do Dicionário. E é gozado? O meu é demais. Eh mãe, a senhora... Olha aqui, falou ainda o menino, a Joana telefonou na hora que a senhora foi no mercadinho e disse que pro cheiro de peixe a senhora experimentar limão. Não entendi o recado não. Já sei, disse ela ao filho, é negócio de uma pomada. E foi pro sol secar o cabelo (PRADO, 2006, p.39).

Glória passava a vida pensando, em si, na velhice, esquecendo-se de viver, admirava as pessoas que pensavam em si mesmas. Ela não; tinha medo, medo de viver:

A mulher dizia ao balconista: se não tivesse esse salto de madeira, eu levava, até que do modelo agradei, mas salto de pau não amolga, dá dor nas pernas. Glória achou muito bonito o cuidado da mulher com ela mesma, seu capricho em presentear os pés com sapatos macios. Era bom que visse e aprendesse, ela, que oprimia as pessoas com sua capacidade de suportar e sofrer (PRADO, 2006, p.39-40).

Ela era incapaz disso, jamais pensava em si mesma, também havia tantas coisas com que se preocupar, a velhice, por exemplo:

Glorinha, sabe que velho não pode comer banana? Por quê, Duca? O Levi me ensinou. Aumenta a gordura no sangue. Jantar também não é bom não, pra quem tem mais de quarenta. É? Acho que não dou conta e bem que preciso. Meu estômago ate hoje não sabe minha idade. Tenho fome de menino de quinze. Dá conta sim. Questão de costumar. Também era fomenta, hoje não janto e nem ligo. Passo muito melhor, principalmente depois que tou fazendo uso do limão. Mas só vale sem açúcar. Espremo ele na água, depois da comida (PRADO, 2006, p. 43).

Nem mesmo Gabriel, tão querido e amado, conseguia libertá-la de seus medos:

Gabriel rodeou Glória: li no jornal que os cientistas fizeram experiência e provaram que café demais dificulta a regeneração das células...lh, Gabriel, de manhã, foi a Duca, não pode jantar, nem comer banana, agora você me tirando o café. Gabriel não usara a palavra envelhecimento. Era um homem delicado. (PRADO, 2006, p. 44).

Delicado, não conseguia demover a esposa de sua ideia fixa e preocupante: envelhecer. Logo em seguida, Joana telefonou:

O que você ta achando do Preparado H? Ainda não deu pra eu ver, disse Glória, e você? Acho que bom pra pele é ter quinze anos.

[...]

Há três dias Glória dormia sem travesseiro e tomava gelatina no leite. O sulco do colo abrandava-se, o inchaço de debaixo dos olhos desapareceu, mas foi para as pálpebras de cima. Assim mesmo o aspecto era melhor, Gabriel elogiava. Glória estava meio alegre e com vontade de chorar (PRADO, 2006, p. 44).

Na verdade, Glória era uma sonhadora, queria a juventude de volta, e não sentir a culpa pela sociedade machista, por não ter educado seus filhos homens a fazer pequenas tarefas caseiras, entre tantos outros. São poucos os fragmentos de felicidade citados por ela:

Quando recuperava a alegria, Glória ficava íntima. E descobria: desde toda sua vida, o medo, o sentimento de culpa não a preservavam, antes a endureciam. Mas estar alegre era possuir intimidade, seu corpo não era mais feito de parte, mas uma só coisa harmoniosa, ajustada, digna de amor e amar, fazer os outros felizes. (...) ficou um pouco temerosa, receando a partir daquele dia um caminho muito novo para ela, já acostuada ao chinelo velho de seus medos e certezas antigas. Sentiu-se frágil. Era novo, era bom e desconfortável, sentindo-se também fora de seu modo próprio – experiência que sempre desejou. – mas era, era o quê? Perdera o fio de seu pensamento. Teve saudades de si, queria recobrar o punho pesado de Maria da Glória Fraga. Percebia-se meio entorpecida, meio esquisita. Estaria exagerando, como sempre a acusavam? Queria

ser outra e não queria. Queria ser a verdadeira, sem sua parte má. Não queria, porque todo mundo sente falta se perder um braço, mesmo sendo braço podre (PRADO, 2006, p. 67-68).

Sentir saudades de si mesma é sentir saudades daquilo que já se foi um dia, jovem. Glória estava envelhecendo, sentia-se velha por ter perdido oportunidades, por sofrer preconceito de uma sociedade patriarcal, enfim, por tudo e por nada.

Segundo Lya Luft, “amadurecer deveria ser visto como algo positivo e que envelhecimento não é revogação da individualidade” (2004, p. 87).

Quando jovem Glória escrevera um pequeno texto intitulado A joia, que descrevia um colar “como algo definitivo e eterno sobre sua nudez. Propunha-se questões assim: que queres? Uma coleção de livros? Uma dúzia de sandálias? Ou um anelzinho de prata? Respondia: o anelzinho de prata” (PRADO, 2006, p. 54).

Glória sentia-se culpada por ter vontade de gastar com algumas coisas supérfluas. Queria muito comprar um cordão de ouro que, por várias vezes segurou em suas mãos e faltou-lhe coragem para adquirir. Indagava-se por que compraria aquele cordão se poderia gastar o dinheiro com coisas mais úteis. Sentiu-se frustrada. Sua amiga Ismênia, porém, comprou o colar sem sentimentos de culpa e Glória a via sempre ostentando a joia. Perguntava-se que mal tinha a compra do colar. Além disso, queria usá-lo sem culpa, feliz e se sentindo linda:

Um demônio passou chispando e cantando no teatrinho: ‘Os pobres iam lucrar’. ‘Madre Tereza de Calcutá!’ Aquela que só tem duas túnicas etc. etc., pensou Glória. Pra ficar livre do demônio gozador, decidiu: por enquanto não compro. Antes vou consultar Stella, que, sem sofrimento, se permite tudo que desejo (PRADO, 2006, p. 51).

Mais uma vez, a culpa apodera-se de Glória que não consegue proporcionar para si momentos de felicidade. Pequenos presentes que poderiam tornar sua vida mais leve, mas não, pensava sempre que o dinheiro poderia ser usado para algo mais útil e sofria. Glória sentia-se cansada da vida, de tudo enfim. Pensava:

Este esforço que faço pra dormir sem travesseiro me põe nervosa. A força de vontade de Gabriel me insulta, tenho vontade de esmurrar ele dormindo feito um anjo, com ou sem travesseiro. Posso simplesmente renunciar ao sacrifício e dormir humildemente de travesseiro, fico com o sulco no colo, mas fico mais feliz (PRADO, 2006, p. 58).

Mais uma vez Glória abdica de sua tranquilidade e bem estar para evitar demonstrar o envelhecimento. Estava em uma loja e a balconista falou: “a senhora precisava mesmo é de artigo de malha? Senhora! Tenho que botar isso na cabeça. Sou uma senhora. Uma senhora” (PRADO, 2006, p. 61). Mais uma vez alguém lembrando-a que estava envelhecendo.

Esse trecho do livro **Cacos para um vitral** vem reforçar e colocar-se como paralelo ao pensamento de Lya Luft: “Um dos motivos de nossas frustrações, homens e mulheres, é vivermos numa cultura que idolatra a juventude e endeusa a forma física além de qualquer sensatez” (2004, p. 87).

Certo dia ao sair para fazer compras, Glória encontrou uma amiga de escola, Elba. Tinha o rosto marcado pelas rugas, netos, e, ainda assim, bonita. Quando encontrava amigas, que não via há algum tempo, assustava-se. Questionava-se se estaria ela também tão envelhecida. No decorrer da conversa, esse pensamento diluía--se e ia embora, já não pensava nelas tão envelhecidas e sim como meninas indo para a escola, jovens e inocentes.

De acordo com a escritora Lya Luft, se maturidade for fruto da mocidade e velhice for resultado da maturidade: “viver é ir tecendo naturalmente a trama da existência. Processo tão enganosamente trivial para aquele que vive, tão singular para quem observa. Tão insignificante no contexto da história humana”. (2004, p. 87).

Historicamente, a mulher é considerada uma lutadora por seus direitos que abrangem as mais variadas questões, porém, há que se notar a sua luta em relação ao envelhecimento: “Peço a Deus,/ em socorro da minha fraqueza,/ abrevie esses dias e me conceda um rosto/ de velha mãe cansada, de avó boa,/ não me importo. Aspiro mesmo/ com impaciência e dor”. (PRADO, 2006, p. 37).

Esse desabafo representa a cobrança imposta às mulheres pela sociedade, as quais sentem a passagem do tempo e gostariam de envelhecer em paz. No entanto sofrem pressão social por perderem o viço e a beleza. O envelhecimento não se restringe a uma classe social, mas sim, de maneiras diferenciadas, a todos, homens e mulheres, de todas as classes. Na França em plena década de 1940, Simone de Beauvoir já se referia à postura depreciativa da mulher em relação à própria velhice:

A mulher idosa, se lhe sugerem que parta novamente para o futuro, responde: Tarde demais. Não porque o tempo seja agora medido: uma mulher é aposentada muito cedo; mas falta-lhe entusiasmo, a confiança, a esperança, a cólera que lhe permitiriam descobrir novos objetivos ao redor de si. Ela se refugia na

rotina que sempre constituiu seu quinhão; faz da repetição um sistema, entrega-se a manias caseiras [...] (1990, p. 361).

Essa é a angústia da mulher, o sentimento de cobrança pela sociedade não permite perceber que o envelhecimento feminino não é privilégio de poucas, mas, de todas as classes sociais que são atingidas de maneiras diferentes. Algumas mulheres gostariam de envelhecer em paz sem se preocupar com a perda da juventude e da beleza. A literatura brasileira contemporânea relata histórias de mulheres que se doaram, que se cuidaram e ao envelhecer foram trocadas por pessoas mais jovens conformando-se com suas existências vazias, como especifica Susana Moreira de Lima (2008, p. 64).

São pessoas que se sentem marginalizadas socialmente, percebendo e sofrendo a dor do envelhecimento na solidão. Realizam suas tarefas, carregando consigo o peso da passagem do tempo, tornando suas vidas despidas de alegrias, satisfações ou prazeres, mas plenas de trabalho e envelhecimento precoce. Consideradas devedoras do bom coração de parentes ou patrões pelos favores concedidos e pelo acolhimento, são eternamente aprisionadas emocional e psicologicamente a esses protetores. Essa realidade encontra-se representada na literatura brasileira contemporânea, em exposição à sujeição da mulher, em virtude do abandono.

A visão de Adélia Prado em relação a esse tema é analisada por estudiosos que fazem eco à sua preocupação: “Em Adélia Prado, o envelhecimento é tema de estudo de pesquisadores e teóricos no que se refere à identidade pessoal, estando esta relacionada aos espaços físico, psicológico e cultural” (MILIONE, 2015, p. 64). Para exemplificar o fenômeno cultural vivenciado pelas mulheres, na esfera sexual, utilizamos o excerto abaixo, que reflete as consequências das convenções, determinando variados comportamentos:

Lygia Fagundes Telles, no conto Senhor Diretor, relata o preconceito da própria mulher. Sua personagem, Maria Emília, reprimida pela família, conservou a virgindade até os 62 anos, não admitindo sua própria sexualidade, mas mantinha uma atração pelo erotismo disponível em propagandas que, apesar do preconceito, gostava de apreciar. Sua outra personagem, Maria Leonor, de 75 anos, é uma mulher que sabe de suas condições e, nem por isso, deixa de aproveitar os momentos de prazer com homens mais jovens. Aproveita os momentos sem estar iludida. (MILIONE 2015, p.64).

Essas variações acontecem de acordo com o íntimo de cada ser, porém, por força das imposições, são camufladas, veladas, contidas e, muitas vezes, geradoras de

um conflito interno. Outro exemplo é o fato de a sociedade não ver com bons olhos o relacionamento amoroso entre uma mulher idosa e um jovem, ao passo que, aceita sem preconceitos o relacionamento de homens mais velhos com mulheres jovens, através da ótica da proteção:

Esse estereótipo é recorrente na literatura contemporânea que, de modo negativo, alijam a mulher idosa dos relacionamentos amorosos. O conto Senhor Diretor, de Lygia Fagundes Telles, mostra um homem idoso que se relaciona com uma menina numa clara crítica à indústria cultural e cinematográfica dedicada aos filmes pornográficos (MILIONE, 2015, p. 64).

O envelhecimento feminino está estreitamente ligado ao declínio do corpo, ao ser, a mulher, personagem de autoria masculina, a narrativa utilizada é na terceira pessoa ao passo que na narrativa feminina, a busca pelo novo olhar rompe com o silêncio submisso relacionado ao tema.

Quanto a essa questão, Pierre Bourdieu em, **A dominação masculina (2002)**, situa a posição da mulher frente à sociedade machista.

Sempre vi na dominação masculina e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desenvolvimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2002, p. 3-4).

Deve-se considerar, no entanto, que Bourdieu ao referir-se à dominação masculina exclui feministas teóricas relevantes que possibilitaram a escrita do autor. Dessa maneira, adota um discurso que determina o caminho a ser seguido pelas mulheres e pela sociedade em geral até que seja excluída a dominação masculina sem que isso altere suas convicções autorais.

Adélia Prado já relata o tema em seu primeiro livro **Bagagem**, publicado em 1976, citando o tratamento diferenciado destinado às mulheres que, envelhecidas são colocadas de lado e condenadas à espera da morte. A mulher é a mais atingida pelo preconceito e abandono, pois, com a idade perde sua capacidade reprodutiva e o papel central como mãe e protetora. Adélia Prado resume essa narrativa no fragmento poético abaixo, publicado em **Bagagem**, utilizando metáforas sociais e pessoais:

Gerou os filhos, os netos,
Deu à casa o ar da sua graça

E vai morrer de câncer.
 O modo como pousa a cabeça para um retrato
 É o de que, afinal, aceitou ser dispensável.
 Espera, sem uivos, a campa, a tampa, a inscrição.
 1906-1970
 SAUDADES DOS SEUS, LEONORA
 (PRADO, 1991, p. 22).

Esse fragmento de poema revela toda a amargura que aflora da alma, em função do envelhecimento que, “no contexto sociocultural, representa o ostracismo das funções femininas” (MILIONE, 2015, p. 64).

Em constatação a esse predestinado fim, Lya Luft reflete sobre o que leva o indivíduo a agir dessa forma:

Superar a ideia de que estamos meramente correndo para nosso fim, num processo de deterioração e apagamento. Esse é o nosso fantasma mais destrutivo, pois se alimenta com nosso terror da morte, e cresce desmesuradamente porque nosso vazio interior lhe concede um espaço extraordinário (2004, p. 88).

Com uma visão mais atual, vemos em Mary Del Priore (2000) como as mulheres vêm enfrentando a inescapável passagem dos anos, uma vez que, nos dias atuais, elas dispõem de inúmeros artifícios para retardar o processo de envelhecimento. Malgrado esses recursos serem aparentemente positivos, podem apresentar consequências irreversíveis e mais desalentadoras do que o próprio envelhecimento:

A tirania da perfeição física empurrou a mulher não para a busca de uma identidade, mas de uma identificação. A revolução sexual eclipsou-se diante dos riscos da AIDS. Se trouxe independência, a profissionalização trouxe também estresse, fadiga e exaustão. A desestruturação familiar onerou, sobretudo, os dependentes mais indefesos: os filhos [...]. (PRIORE, 2000, p. 101).

As personagens de Adélia Prado, apesar da constante tensão, expressam seu erotismo lutando entre a aceitação e o medo de envelhecer. A autora organiza situações que proporcionam esse entendimento e aceitação do envelhecer, não como um caminho para a morte e sim como um novo estágio da vida:

Minha libido está desaparecendo, a cara nojenta do medo dá o ar de sua graça. A velha está com medo e não existe chupeta pra anciãs. À minha volta, jovens-que-não-vão-morrer-nunca e velhinhas, algumas se agarrando em mim, equivocadas quanto à minha fortaleza, outras fingindo que não estão velhas, as piores, disfarçando o medo com agressividade e ocupações. Reconheço minha impiedade em falar assim de nós e grande injustiça também, mas preciso das

duas como hipótese nesta minha procura de saída e ar puro (PRADO, 1999, p. 7-8).

Adélia Prado consegue expressar-se através de analogias e simplicidade. Compara o envelhecer com um debruçar-se sobre uma janela observando a paisagem e o passar do tempo. Com essa analogia, o passar do tempo refere-se ao envelhecimento e a paisagem apreciada é pano de fundo para novas cenas da vida, transformando-a em sensações novas através das experiências adquiridas.

Especialmente, para a mulher, a experiência acumulada com o decorrer dos anos mostra as diversas fases e as diversas faces que a mulher assume no decorrer da vida: como mãe, esposa, dona de casa e, certamente, ainda, escritora, feminista, atriz de sua própria história. Sem dúvida, ao lado de tantas outras personagens indispensáveis na literatura contemporânea brasileira, Adélia é um símbolo da luta para que a mulher passasse a ter voz, a ser ouvida e, também, lida nos dias de hoje". (MILIONE, 2015, p. 100).

Para Ana Regina Borges Milione (2015), Adélia Prado traduz em palavras o sentimento e a imaginação de mulheres que sequer ousariam a admitir nem a si mesmas o que estavam sentindo, em abrangência a temas considerados delicados e tão importantes na valorização da mulher e de sua autoestima como sexo e envelhecimento. É o que demonstram suas palavras: "o que sinto, escrevo" (PRADO, 1991, p. 57).

Seu legado transformou mulheres que, hoje, através da narrativa, buscam expressar o que sentem e pensam sobre sexo, envelhecimento, utilizando, para isso, diversos meios de comunicação, incluindo os espaços virtuais. O legado adeliانو é imenso, repercutindo tanto na literatura, quanto no social.

Inspirada na frase "erótica é a alma" (PRADO, 1991, p. 58), a escritora Fabíola Simões apresenta uma reflexão acerca da importância do envelhecimento consciente, com um espaço para a juventude interior, que pode vir a ser eterna, à medida em que os valores são revistos:

Adélia Prado certa vez escreveu: "Erotica é a alma". Além de poética, a frase é redentora, pois alivia o peso da sensualidade a qualquer custo, a busca desenfreada pela juventude perdida, a corrida pelos últimos lançamentos da indústria cosmética.

[...]

Querendo ou não, iremos todos envelhecer. As pernas irão pesar. A coluna irá doer, o colesterol aumentar. A imagem no espelho irá se alterar gradativamente e perderemos estatura, lábios e cabelos. A boa notícia é que a alma pode permanecer com o humor dos dez, o viço dos vinte e o erotismo dos trinta anos. O segredo não é reformar por fora. É, acima de tudo, renovar a mobília interior: ti-

rar o pó, dar brilho, trocar o estofado, abrir as janelas, arejar o ambiente. Porque o tempo, invariavelmente, irá corroer o exterior. E, quando ocorrer, o ali-cerce precisa estar forte para suportar. Erótica é a alma que se diverte, que se perdoa, que ri de si mesma e faz as pazes com sua história. Que usa a espontaneidade pra ser sensual, que se despe de preconceitos, intolerâncias, desa-fetos. Erótica é a alma que aceita a passagem do tempo com leveza e conser-va o bom humor apesar dos vincos em torno dos olhos e o código de barras acima dos lábios. Erótica é a alma que não esconde seus defeitos que não se culpa pela passagem do tempo. Erótica é a alma que aceita suas dores, atra-velsa seu deserto e ama sem pudores. Aprenda: Bisturi algum vai dar conta do buraco de uma alma negligenciada anos a fio. (2016, não paginado).

A análise de Simões torna ainda mais evidente o empenho de Adélia Prado em deixar claro a todas as mulheres que o envelhecimento físico não tem a importância assegurada pelas mídias que enaltecem apenas o corpo belo e bem tratado e que a beleza não deve ser, necessariamente, fundamental. Existe algo que, além disso, nos deve ser mais caro e valorizado.

Maria José Somerlate Barbosa também comenta as concepções negativas elab-oradas pela sociedade que discrimina o idoso e valoriza apenas a beleza e a juventude:

[...] como “velhismo” também desempenha um papel importante na maneira como envelhecimento e velhice são conceituados, aceitos e propagados. Em muitos casos, os significados culturais que “velhismo” incorpora equiparam-se a outros ismos como racismo, classicismo e machismo. Tal conotação negativa está também tão frequentemente ligada ao conceito de identidade que, quando a produção de trabalho diminui ou cessa (no caso da aposentadoria, por exem-plo), a autoestima das pessoas costuma diminuir. Neste cenário, envelhecer se torna sinônimo de ter um corpo improdutivo, às margens do Logos, da sexuali-dade, da sensualidade, da família e da sociedade (2003, p. 10).

Segundo a autora, a visão antiquada e retrógrada notada na sociedade atual, re-siste em compreender que o envelhecimento faz parte de um período da vida e que nem sempre é constatado nos anos finais da existência, mas que vai acontecendo gra-dativamente. É um processo, não uma etapa da vida.

Alguns relatos desmistificam que pessoas idosas são assexuadas por sofrerem com a diminuição da libido e esclarecem que os mais idosos têm relações sexuais com maior frequência e mais satisfatórias do que se imagina. A Faculdade de Medicina de San Diego, em pesquisa sobre o tema, concluiu que idosas acima dos oitenta anos, pelo menos a metade das entrevistadas, ainda sentiam orgasmos na maioria das ve-zes, ou sempre que mantinham relações com seus parceiros e informam também, que, normalmente, são mais satisfatórias:

Outros estudos chegaram a conclusões tão surpreendentes quanto essa – uma pesquisa com pessoas acima dos 60 revelou que 74% dos homens e 70% das mulheres reportavam uma satisfação sexual maior do que quando tinham seus 40 anos. Tara Saglio, psicanalista terapeuta de casais em Londres, acredita que isso se deve ao fato de as mulheres mais velhas terem menos inseguranças. “As mulheres mais velhas têm mais confiança em expressar sua sexualidade. É isso o que torna o sexo melhor”, explica (GORVETT, 2016, não paginado).

Relatos de menos quadros de alergias, enxaquecas, resfriados e menor sudorese fazem com que os idosos, em grande parte mantenham suas atividades e comprovam que a morte pode estar mais distante do que podemos imaginar.

Esse também era o assunto que povoava o imaginário de Glória. Suas preocupações apontavam diretamente para o espelho e não para as questões da saúde de modo geral. Não seguia os conselhos de Gabriel para fazer exercícios, nadar, fazer alongamentos ou caminhadas. Apesar de tudo, tinha certeza, com rugas ou sem elas, era amada:

Glória encontrou Elba no varejão. Mesmo com a cara castigada, avó de netos, era bonita, da beleza que acende os homens. Glória encontrava com Elba, Solange, Marcília, ao primeiro olhar assustava-se, estaria, ela também, tão velha? À medida que conversavam, olhando-as atentamente, o rosto antigo delas aparecia, desvanecendo o choque do primeiro momento. Elba, Solange Marcília e ela eram de novo quatro meninas indo para a escola, tão bonitas de juventude e inocência. Era assim certamente que Gabriel a via sempre, a ‘Glorinha do sô João Fraga’, uma menina que tinha um vestido xadrezinho de vermelho, que ele viu pela primeira vez cantando no teatro, ‘dona cotia tá com dor de dente, é de tanto comer doce quente...’ um homem amando a mesma mulher desde a sua juventude, “tenaz como o inferno e duro como a morte...”. Elba falava dos filhos. Glória tinha pensamentos bíblicos que redimiam as rugas e as cebolas que ambas carregavam. Sentiu desejo de patins, maiôs, vestido de baile. Chegou em casa, fez máscara de cenoura e pôs no rosto, agradecida, colaborando com Deus na obra da criação (PRADO, 2006, p. 97-98).

É saudável preocupar-se com a aparência, além disso, essa preocupação com a beleza leva a hábitos saudáveis e conseqüentemente, a uma vida prolongada e com saúde. Como cita Agostinho Both, em **Conversa de velhos**:

A velhice já possui em si mesma um certo sofrimento: o corpo fica frágil e isso pode ser visto nas mãos que tremem e nas vistas que não retratam com fidelidade o contorno e as cores. Fica por mim estabelecido que quero saber um pouco mais da vida que apenas mandar. Vou fazer de mim uma arte (2009, p. 71-72).

Nos tempos atuais, os ganhos obtidos pela geração da terceira idade contribuem para que os idosos tenham uma percepção real de suas capacidades no sentido de serem mais independentes, mais produtivos e participativos.

Mas, o que significa a passagem do tempo? Envelhecer? Deixar de cumprir determinadas tarefas que já não consideramos importantes? Perder a capacidade reprodutiva? Todas essas questões, e mais outras tantas, devem ser consideradas já que quase todos nós iremos vivenciá-las. Sobre essa questão, Simone de Beauvoir argumenta sobre a posição depreciativa, assumida pelas próprias mulheres, com relação ao envelhecimento:

A mulher idosa, se lhe sugerem que parta novamente para o futuro, responde: Tarde demais. Não porque o tempo seja agora medido: uma mulher é aposentada muito cedo; mas falta-lhe entusiasmo, a confiança, a esperança, a cólera que lhe permitiriam descobrir novos objetivos ao redor de si. Ela se refugia na rotina que sempre constituiu seu quinhão; faz da repetição um sistema, entrega-se a manias caseiras [...] (BEAUVOIR, 1990, p. 361).

Esse é um posicionamento observado pela autora em que algumas mulheres ainda eram submissas ao homem permanecendo sob o jugo do paternalismo. O envelhecimento feminino está estreitamente ligado ao declínio do corpo, como personagem de autoria masculina, a mulher é narrada na terceira pessoa ao passo que na narrativa de autoria feminina, a busca pelo novo olhar rompe com o silêncio submisso relacionado ao tema.

Quanto a essa questão, esclarece muito bem Pierre Bourdieu em **A dominação masculina (2002)**, a posição da mulher frente à sociedade machista.

Sempre vi na dominação masculina e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desenvolvimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2002, p. 3-4).

Deve-se considerar, no entanto, que Bourdieu ao referir-se à dominação masculina exclui feministas teóricas relevantes que possibilitaram a escrita do autor. Dessa maneira, adota um discurso que determina o caminho a ser seguido pelas mulheres e pela sociedade em geral até que seja excluída a dominação masculina sem que isso altere suas convicções autorais.

Pesquisas relatam que o matriarcado fundamentou o início da humanidade, os motivos são vários, tais como a capacidade reprodutiva ou a capacidade de menstruar contribuísem para essa primazia. Ainda não era conhecida a participação masculina na questão da fecundidade o que contribuiu para o empoderamento feminino. Com o aumento da participação masculina na vida social, nas relações e a descoberta da participação do homem na concepção, sua hegemonia estabeleceu-se como ser superior, difundindo a crença de que era o único portador da semente da fecundidade, sendo a mulher seu receptáculo.

As religiões, posteriormente surgidas, contribuíram para o fortalecimento dessa hegemonia, haja vista que Eva é considerada um ser inferior por ter sido criada a partir de uma parte da costela masculina e, portanto, considerada sua subordinada. A mulher passou a ser submetida aos desmandos masculinos de várias maneiras, o comportamento, o modo de vestir, a postura e sexualidade como meio de subordinação e, segundo Bourdieu (2002), toda a disciplina foi canalizada ao corpo feminino e isso ele entende como uma parte da dominação masculina. Os mandamentos cristãos contribuíram sobremaneira para a repressão com mãos férreas, assim como o puritanismo e a repressão sexual e feminina do século XIX. À mulher idosa, então era reservado o ostracismo, o recolhimento, os cuidados com os enfermos. De acordo com o autor, “A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) [...]” (BOURDIEU, 2002, p. 46).

A própria mulher situa-se nesse padrão subjetivo de dominada ao fazer suas escolhas e passam sem que se atente para o fato. A escolha de um homem mais velho, mais alto, em melhor posição financeira, visando sempre o bem estar futuro e a segurança. Apesar de tudo, Bourdieu afirma que os padrões estão sendo modificados em função das conquistas femininas especialmente na área educacional. O maior acesso às escolas, autonomia corporal e de escolhas, permitem que a mulher independa do homem para manter-se e em muitos casos é ela a chefe de família e a provedora. Segundo o autor, a permanência da dependência registra-se no fato de a mulher estar ainda, relegada profissionalmente, a cargos menos importantes e, quando os ocupa, os ganhos são inferiores ao que recebe um homem em mesma situação. Ao envelhecer, a mulher enfrenta situações mais delicada, porém, é preciso reagir e enfrentar com dignidade o envelhecimento.

Adélia Prado trata do assunto em metáforas sociais e pessoais. “Peço a Deus, em socorro da minha fraqueza, abrevie esses dias e me conceda um rosto de velha mãe cansada, de avó boa, não me importo. Aspiro mesmo com impaciência e dor” (1991, p. 37). Em Adélia Prado, o envelhecimento tornou-se tema de estudo para pesquisadores e teóricos no que se refere à identidade pessoal, estando esta relacionada aos espaços físico, psicológico e cultural. Assim manifesta-se em poesia sobre o envelhecimento:

Páscoa

Velhice

é um modo de sentir frio que me assalta
e uma certa acidez.

O modo de um cachorro enrodilhar-se
quando a casa se apaga e as pessoas se deitam.

Peço a Deus,

em socorro da minha fraqueza,
abrevie esses dias e me conceda um rosto
de velha mãe cansada, de avó boa,
não me importo. Aspiro mesmo
com impaciência e dor.

Porque sempre há quem diga
no meio da minha alegria:

“põe o agasalho”

“tens coragem?”

“por que não vais de óculos?”

Mesmo rosa sequíssima e seu perfume de pó,
quero o que desse modo é doce,
o que de mim diga: assim é.

Pra eu parar de temer e posar pra um retrato,
ganhar uma poesia em pergaminho.

(PRADO, 1991, p. 37)

De acordo com Adélia Prado, o tema abordado no poema externa as contradições vivenciadas por mulheres idosas, adquiridas pela experiência de vida resultando na chance de novo recomeço. Percebe-se o tom de advertência, utilizado com crianças e idosos, nas frases “tens coragem?”, “põe o agasalho”, “porque não vais de óculos”, sugerindo que o idoso já não possui a capacidade de decidir por si ou até mesmo de cuidar-se.

No texto, Adélia Prado sutilmente sugere uma analogia com o dia, manhã, tarde e noite, nascer, crescer e morrer. A personagem percebe o envelhecer e anseia por tornar-se uma velha cansada, uma avó que se contenta em apreciar velhas fotografias

e viver de recordações, do tempo em que se olhava ao espelho e via uma mulher jovem, linda, diferente do que é agora fraca e deprimida:

A poesia revela aquilo que a gente não sabe que sabe [...] Nosso maior sofrimento é o tempo. Esse discurso, por exemplo, o próprio discurso da vida, do envelhecimento, esse discurso e essa experiência são extremamente dolorosos. A poesia me resgata do tempo - o Pai é eterno (PRADO, 2010, p. 24).

Segundo a opinião de Maria José Somerlate Barbosa, Adélia Prado a respeito da narrativa sobre o envelhecimento:

Discute a identidade das personagens principais como um conjunto de características pessoais em processo de formação e que, portanto, deve ser continuamente assumida e imediatamente questionada. Por isso, suas personagens perfazem sempre uma dupla trajetória em constante movimento: em direção a si mesmas e em direção ao mundo. As protagonistas tentam estabelecer uma equação entre o espaço físico, social e cultural ocupado pelos seus corpos e o espaço da sua criatividade. Prado constrói para suas protagonistas um espaço discursivo através do qual elas podem mediar impulsos contraditórios, ou seja, elas podem equilibrar a vida de família e valores morais com a alegria estonteante da sua sexualidade e sensualidade. Tal equilíbrio indica também um deslocamento pessoal que leva ao questionamento da linguagem em si mesma. À medida que essas personagens escrevem, elas percebem que seus corpos são centros de subjetividade mediados pelo erotismo (2003, p. 169).

Ao elaborar essa discussão, Adélia Prado dá voz ativa às personagens femininas, levando-as a mediar suas atitudes, administrar seus espaços familiares, de trabalho e a organização pessoal permitindo que estas consigam “entender e aceitar o processo do envelhecimento e a aceitação deste. Cria situações em que elas conseguem entender e aceitar o processo do envelhecimento não como um caminhar em direção à morte, e sim como uma nova etapa da vida” (MILIONE, 2015, p. 69).

Ao escrever **Manuscritos de Felipa**, publicado em 1999, Adélia Prado dá voz à narradora que conta seus medos. Mais uma vez, pelas mãos da autora, a mulher corajosamente externa seus medos e anseios. Não existe consolo para o envelhecimento, o espelho é implacável e sempre haverá ao lado alguém jovem e belo. Essa é a múltipla capacidade de Adélia Prado, conduzir o leitor por divagações e caminhos de sonhos:

A ideia de que envelhecer e morrer socialmente é causadora da imagem negativa a respeito da velhice. O ideal humano é ver-se como ser eterno, imortal, autônomo, capaz de tomar todas as decisões, agir e decidir por si. A sociedade, de modo geral, vê a velhice como decadência e impossibilidade do indivíduo em realizar suas tarefas, o que o torna dependente e um fardo para seus familiares. Esse indivíduo apenas deixa de desempenhar suas atividades com o mesmo vigor da juventude, o que não o impede de exercer seus direitos como cidadão. (MILIONE, 2015, p. 60).

Nas culturas e nas sociedades onde a beleza é considerada obrigatória, onde a mulher deve estar sempre bonita, aparentando juventude, o envelhecimento torna-se uma questão social, afinal, as pessoas habituaram-se ao descarte daquilo que é velho e inútil. “Na literatura brasileira, pode-se mapear como as personagens ao longo do tempo encenam a questão com bastante preocupação com o desgaste provocado pela passagem dos anos e a chegada da idade” (MILIONE, 2015, p. 61).

Essa é a preocupação da personagem de Adélia Prado em **A serenata**:

Uma noite de lua pálida e gerânios
 Ele virá com a boca e mão incríveis
 Tocar flauta no jardim.
 Estou no começo do meu desespero
 E só vejo dois caminhos:
 Ou viro doída ou santa.
 Eu que rejeito e exprobro o que não for natural como sangue e
 Veias
 Descubro que estou chorando todo dia,
 Os cabelos entristecidos,
 A pele assaltada de indecisão.
 Quando ele vier, porque é certo que vem,
 De que modo vou chegar ao balcão sem juventude?
 A lua, os gerânios e ele serão os mesmos
 - só a mulher entre as coisas envelhece.
 De que modo vou abrir a janela, se não
 for doída?
 Como fecharei, se não for santa?
 (PRADO, 1991, p. 27).

Adélia Prado ao iniciar sua trajetória literária, elaborava suas personagens na faixa de quarenta anos, como bem retrata a personagem Maria da Glória, o que para a época, a mulher já era considerada idosa. Atualmente, a mulher de quarenta anos pensa em engravidar e ter filhos e sente-se jovem para arcar com esses desafios antes reservados para o início da juventude.

Suas narrativas contemporâneas ampliam o leque etário e abrangem mulheres da terceira idade, como no poema **Páscoa**. Em **Cacos para um vitral**, a personagem Maria da Glória, também aos quarenta anos, não aceita sua idade considerando-se velha. A personagem de **Páscoa** espera com ansiedade seu rosto envelhecer:

No poema, essas ações se indiciam, metonimicamente, em: “põe o agasalho / tens coragem? / por que não vais de óculos?” – advertências que atacam, como um lobo em pele de cordeiro, destruindo momentos de “alegria”. Essas intervenções inapropriadas e inaptas conotam o sentido de oposição entre velhice e juventude, que alicerça, de modo recorrente, a constituição dos grupos

sociais, ao contrário do sentido de complementaridade, que afastaria do idoso os estigmas de improdutivo, inativo e senil. (SOARES, 2007, p. 4).

A estudiosa Angélica Soares destaca que, pelo estilo associativo de Adélia Prado, imprime-se, a partir do reconhecimento dessas precariedades, no registro coloquial – por melhor enunciar referências cotidianas ao ocorrido e ao agora –, uma dinâmica existencial que desfaz as oposições entre o sagrado e o profano, o contingente e o transcendente, a jovialidade e a avançada idade. E isso se torna possível, através da permanência do desejo, concedida pelo vigor divino.

4 OS CONTOS DE AGOSTINHO BOTH

Não se ria ninguém daquilo que eu sou na aparência; ela pode esconder a melhor parte.

Agostinho Both

Conforme proposto neste capítulo, serão contextualizados alguns contos selecionados da obra de Agostinho Both, hoje um dos mais importantes referenciais brasileiros do conhecimento das questões do envelhecimento, além de possuir uma inquestionável sensibilidade humana. Descreve o autor com muita propriedade e maestria, temas sociais que envolvem o ser humano colocando em tudo poesia e literatura, descrevendo seus momentos de maior fragilidade diante de um mundo complexo e contraditório.

Both tem visão e implementação diferentes em relação a temática do idoso. É didático e seu trabalho gira em torno da possibilidade do idoso ser participativo, atuante, buscar novos investimentos, novas iniciativas e não aceitar as imposições da sociedade atual que é a entrega do fim da vida ativa. Ele quer que o idoso busque novas soluções e empreendimentos como cursos, atividades livres, cuidar de sua vida e não submeter-se às imposições ociosas da nossa cultura. Segundo o autor, a sociedade precisa aceitar o novo velho.

Agostinho Both nasceu em 15 de agosto de 1941, em Passo Fundo, Rio Grande do Sul. O seu interesse pelas questões do envelhecimento humano e de sua gestão social começou em 1989. Criou, juntamente com colegas, o Centro Regional de Estudos e Atividades da Terceira Idade e coordenou-o até 1997. Dirige, na Faculdade de Educação, esforços para formação de recursos humanos no curso de pós-graduação em Gerontologia Social.

Possui diversas obras sobre educação relacionadas ao desenvolvimento humano tardio, dentre elas a obra **Contos do envelhecer**, onde utiliza o recurso literário como estratégia para avançar na construção de identidades possíveis na terceira idade da vida adulta. Com os **Contos**, Both pretendeu contribuir na gestão social do envelhecimento e da velhice, estabelecendo inventivos projetos humanos de existir.

Autor de vários livros e artigos publicados, atualmente, dedica-se ao romance e expressa sua própria opinião sobre as questões do envelhecimento, cultura e sociedade, sem preocupar-se com a escrita acadêmica, mas de forma estética e pessoal.

Atualmente é professor convidado da Universidade de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, Membro do Conselho da Universidade Sênior e Coordenador das Atividades da Terceira Idade do Clube Recreativo Juvenil da mesma instituição.

Publicou vários livros de 1984 a 2015: **Linha divisiva** (1984), **Pedagogia seminária** (1986), **Ricardo e turma buscam vida** (1991), **Conversas sobre terceira idade** (1993), **Primeiros passos de um caminho** (1994), **Criação da Universidade de Passo Fundo** (1993), **Práticas sociais na terceira idade** (1992), **Dom Cláudio** (1994), **Fundamentos de gerontologia** (1993), **Contos do envelhecer** (1998), **Gerontologia: educação e longevidade** (1999), **Identidade existencial na velhice** (2000), **Os mais velhos em novos tempos** (2004), **Conversas de velhos** (2009), **Sonhos pedagógicos da professora Antônia** (2010), **A cuidadora** (2011), **Frutos de inverno** (2014), **Aquiles, o inconstante** (2015), **Crônicas** (2015), **Meus amigos Sessentões** (2015), **Excessos das almas e das coisas** (2009)

Em Agostinho Both, a identidade existencial na maturidade é compreendida como a união de fatores dos sistemas biopsicosociais características do idoso na velhice:

A identidade, portanto, compreende fatores dados pelos recursos internalizados durante a vida pregressa e pelas oportunidades atuais, o que lhe concede maior ou menor capacidade de resiliência em lidar com o cotidiano, seus potenciais e limites. O processo educacional desenvolvido e suas disposições, o envolvimento do idoso em sua educação permanente e as condições e outorgas sociais realizam a mediação do desenvolvimento. Pode-se avaliar a qualidade da identidade existencial como conjugação da satisfação em viver seu tempo de vida e as expectativas em torno de objetos a serem ainda vivenciados. Assim sendo, os projetos de vida também se inserem na possibilidade da identidade bem realizada a qual pode ser mais precisamente definida pelo grau de intimidade que o idoso possui com a vida, pelo grau de sabedoria em lidar com o seu meio e a densidade do sentido que ela possui. Não existem, portanto, critérios rígidos na definição da identidade e sua flexibilidade que dependem do capital de saúde biopsicossocial investido e em investimento (2005, p. 32).

Segundo o autor, a identidade é um processo dinâmico que acontece durante a vida toda, não é uma fatalidade, mas o resultado da vivência e aprendizagem num dialogar constante entre as funções biopsicosociais em que as limitações físicas são compensadas pelos desempenhos psicológicos, sociais e físicos. A identidade do idoso pode sofrer dificuldades em sua concretização, com severas limitações pelas origens de suas raízes no passado tais como o estilo de vida, o baixo nível de desenvolvimento psicológico seja esse cognitivo ou afetivo ou privações sociais. Sua definição ou identidade, ou seja, a experiência de si mesmo pode sofrer alterações que prejudiquem a percepção pessoal e a convivência com as outras pessoas, significando que os

“padrões de conduta condicionam a saúde física e mental interferindo no modo de constituir a identidade” (BOTH, 2005). Dessa maneira, o autor cita, ainda, em entrevista ao Instituto Unisinos on-line que:

...os projetos de vida também se inserem na possibilidade da identidade bem realizada a qual pode ser mais precisamente definida pelo grau de intimidade que o idoso possui com a vida, pelo grau de sabedoria em lidar com o seu meio e a densidade do sentido que ela possui. Não existem, portanto, critérios rígidos na definição da identidade e sua flexibilidade que dependem do capital de saúde biopsicossocial investido e em investimento (BOTH, 2005, não paginado).

Both é um observador do cotidiano que transgride o futuro, a idade avançada e a maturidade com sua experiência de vida. Autodenomina-se um filósofo de jardim, por onde passeia, colhe flores e prefere declinar das conquistas e iniciativas.

O interesse de Both pelas questões do envelhecimento humano e de sua gestão social começou em 1989, em Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, sua terra natal. O autor ressalta que:

As lembranças dos mais velhos podem contribuir para o enriquecimento da percepção dos mais jovens, indicando por onde anda o sentido, o sofrimento, a virtude e o vício, a grandeza e a pequenez do destino humano dado por aqueles que andam embarcados pelo mesmo destino (BOTH, 2002, p. 83).

Tânia Du Bois informa que Both:

É escritor raro no nosso tempo, traz a personalidade de outros tempos culturais, em que a visão do todo dava intensidade aos textos. Ele usa a imaginação e o conhecimento para dimensionar com vigor a sua palavra. Assim, ganha o meu respeito e admiração em relação à sua arte literária, preocupada em retratar na sua escrita as “ambivalências humanas”. Sua postura é reconhecida pelo talento com que escreveu os livros: “Excessos das almas e das coisas”; “Conversa de velhos” e “Contos do envelhecer” (2014, não paginado).

Os livros de Agostinho Both projetam-se em ideias e ideais, seguidos de suas atiladas observações, com os quais referencia e alveja suas reivindicações para demonstrar o tempo vivido em plena ascensão: o ontem no hoje. Sua obra é densa a partir de uma ótica capaz de revelar os momentos do tempo, onde tudo parece como registro compreensível, no que realmente tem em si, a pacificação dos anjos: “... É o movimento de nossos braços, é nossa atividade, feita na direção da caridade, da sabedoria, ou da beleza, que nos tornam bons e contentes.” (BOTH, 2002, não paginado).

Segundo Du Bois, os textos de Agostinho Both são conciliadores e emotivos e, por vezes, nos fazem recuar quando sua versão é mais avançada em relação à idade, para tanto destaca o autor que,

Careço de uma palavra mais erudita para dizer todo o acontecido. Não sei mais se é verdade, mentira ou loucura. Preciso eu mesmo me esclarecer. Minha palavrinha é modesta: menos que um capim de outono. É pálida a minha ideia perto daquilo que se sucedeu. Sei lá se Deus invadiu a chichola do meu peito, sei lá se é assim mesmo que acontece no envelhecer. (BOTH, 2002, p. 83).

Para Agostinho Both, tudo se perde e tudo se torna outra coisa: “nada subsiste na devastação do tempo” (BOTH, 2014, p. 22). Em **Frutos de inverno**, o autor relata a dificuldade do idoso em conviver com a perda de entes queridos. Idílio, personagem do livro em questão, não age de outra maneira, sua neta acaba por tomar as rédeas de sua vida sentimental e ela relata:

É tudo sobre meu avô depois da perda da minha avó. Aprendi uma funda lição. Concluída minha adolescência, iniciando minha luta de professora, vi a ausência na alma de meu avô. Senti o homem velho à beira do abismo. Grande foi o medo de vê-lo em tremores por estar a sós. Aprendera ser tão profundamente em sua Indalécia. Agora não mais sabia quem poderia ser. A firmeza de tudo que lhe era próprio se foi. Ficou parecendo alma penada em sua casa, com as sombras da madrugada, sem as paredes firmes, sem os cantos de seu rádio, sem a cozinha e a geladeira. Nada mais subsistia nele. Aprendi, mais que tudo: o tempo cura até a profundidade de não ser. O amor, as palavras entre os dois não cicatrizavam (BOTH, 2014, p. 21).

Abandonar a velhice aos seus próprios cuidados é enfraquecê-la mais. As perdas devem ser compartilhadas para serem amenizadas para não gerar compaixão. No caso da personagem de Both, a viuvez quase o levou para junto de sua amada Indalécia não fosse pelo amparo da querida neta, que procurou motivá-lo a retomar suas amizades e teve a iniciativa de deixar bilhetes em seu travesseiro como se fossem escritos pela avó:

Vê se deixa de lado os fricotes de meu falecimento. Se houve meu acabamento, o teu está longe de acontecer. Te vejo um mendigo vivendo de esmola e a vida está aí cheia de lucros. Não concordo contigo de estar só lembrando o nosso sucesso amoroso. Não fique no que aprendeu e toque o barco, o rio se enche de peixes (BOTH, 2014, p. 25).

Foi dessa maneira que sua neta o empurrou de volta à vida, procurou reintegrá-lo às antigas amizades, aos antigos prazeres e novos amores.

A abordagem de Adélia Prado sobre a velhice veste-se da religiosidade, Glória procura desesperadamente manter-se jovem esquecendo-se de viver o presente. Já Agostinho Both idealiza a velhice ativa e cheia de vida. Idílio, através das atitudes de sua neta, recompõe-se de seu luto e parte em busca de novos horizontes, afinal sente-se ativo.

Essa questão de ser incentivado pela neta, jovem professora em início de carreira, passa pela educação, o respeito, a atenção e o carinho dedicados aos mais velhos, são preceitos que devem ser aprendidos em família e que ela, como professora, procurava reforçar em sala de aula:

As primeiras frases foram pra que tivessem sensibilidade, mormente em relação às formas de exclusão; via com eles os fatores de risco da saúde humana e das alternativas para sua promoção; repetia frases escritas e lidas sobre a compreensão da necessidade de pequenas tarefas de cuidado consigo e com os outros; descobria com eles maneiras de tornar a escola mais alegre; as primeiras frases diziam respeito às práticas de bondade e de alegria. Ao fim do ano vou levar meus alunos pra conversas no asilo e visitar algumas pessoas sozinhas, pra lerem suas pequenas frases (BOTH, 2014, p. 56).

Essa era a ideia, conscientizar as crianças da importância dos velhos em suas vidas. Se hoje eles cuidam, amanhã precisam ser cuidados. Ir ao asilo ler para os idosos representa um trabalho voluntário de beneficência tanto ao idoso quanto à criança que aprende o respeito pelo próximo e pelo idoso.

Outra questão importante, na visão de Both, é a socialização através das amizades e das viagens em grupos de amigos:

[...] pois, pois... amizade a primeira condição pra viver e viajar. Depois São Paulo. Voando pra longe! Primeira parada foi em Lisboa. Fomos pro hotel contratado. Amei de todo meu coração e de toda minha alma a gentileza daquela gente simples. Parecem pobres e por isso não tem orgulho fincado no corpo. Portugal de nossa gente. Dia 8 visita panorâmica e depois Estoril, Cascais e Cintra. Apenas Cintra agradou pra valer. Aí vimos um castelo e a dor me doeu funda por ver o que sobrou da nobreza portuguesa. Se uma vez Portugal brilhou, já não brilha mais. Assim falou Maria (BOTH, 2014, p. 61).

As cartas escritas para a neta não escondem a emoção de viver plenamente. Idílio recomeçou sua vida e viajar mostrou a importância da convivência para que essa plenitude tomasse o lugar da apatia em que estava. Confirma-se, portanto que a socialização através do lazer e das boas companhias afasta os pensamentos sobre a morte e o fim da vida tornando-a leve e repleta de felicidade.

Viver uma vida simples e sem complicações, aceitando e substituindo valores, que não se acomodam à realidade atual faz a diferença na balança do tempo:

Assim é, então, uma viagem pode mostrar a nossa fragilidade. A vida, com mais certeza, tem a mesma mania. Essa mesma perna que jogava futebol, agora é poupada até numa caminhada. E perna de homem não pode fracassar. O imaginário popular tem nas pernas e nos pés um princípio de poder. Imagino, então, como pode ser decepcionante pra uma mulher ver seu marido aposentado, arrastando seus chinelos pela casa. Antes mostrava o vigor de seus músculos pernais. Agora se afinam molemente. Não sinto perder o que tinha, aprecio a água que me vai restando. A lei da compensação é uma bela lei, faz tirar leite de pedra. Então, compenso escrevendo estas coisas pra ver se posso tornar melhor este momento. E brincar também compensa o que se perde. Perguntaram se Maria e eu não iríamos a Roma, respondi que não: o papa não nos havia convidado (BOTH, 2014, p. 84).

Bom humor, vida simples, sem complicações, sem deixar que a dor da perda nos influencie. Não é necessário que seja esquecida, mas que seja amenizada por nossas atitudes. Certo dia, Idílio, cansado resolveu que era hora de retirar-se. “Carrego a ternura densa em mim. Que cada uma tenha pra seus cuidados e para os seus o tempo necessário, escreveu” (BOTH, 2014, p. 112). Internou-se em uma clínica de repouso para que fosse tratado sem incomodar ninguém, deixou uma carta para a neta que tanto amava dizendo que já não necessitava de tantos ao seu redor. Assim, partiu com elegância e ausência de egoísmo. A neta querida pelo avô relata:

Não se passaram dois anos, quando nos veio a péssima notícia. Estava sozinha em casa. Telefonei pras tias que declinaram de ir por ser muito longe. Fomos meu pai, minha mãe e o Clauber. Estou dando voltas e muitas pra poder continuar a narrar um pouco da sua morte. Quando eu o vi. Meu pensamento apenas foi: por aí passou um belo ser humano. E a morte é isso: a gente fala e ninguém responde. Fim da comunicação. Agora seria a minha vez de falar por ele. Não chorei, pois dele já tinha mais que suficiente (BOTH, 2014, p. 113).

Desvincular-se dos laços, soltar as amarras, afrouxar os nós, como canta Gilberto Gil (1980), proporciona o falar com Deus, pois a vida se faz de circunstâncias também. Não perca o fio da meada: o amor é o único fio que vale a pena:

Nem sempre a velhice é a melhor idade. O corpo que tenho sou eu também, por isso me sinto debaixo do mau tempo. Pareço um velho bisão sobre a neve. Não tem peça que não se estraga. Por enquanto estou dando um jeito. E no meio dessa fraqueza só posso dizer que amo vocês! Te peço, então, que tenhas todo o cuidado que a vida merece (BOTH, 2014, p. 120).

Percebe-se a diferença entre a visão dos autores, através de suas personagens, em relação à morte. Enquanto Adélia Prado volta-se para o universo religioso e Glória sente o medo da morte aos quarenta anos, Agostinho Both revela Idílio, personagem de **Frutos de inverno** (2014) muito mais velho, que reencontra a força de viver, após ficar viúvo, e com auxílio da neta recomeça a aproveitar as coisas boas da vida, amigos, família, viagens e uma nova companheira.

Lya Luft comenta que “precisamos superar a ideia de que estamos meramente correndo para o nosso fim, num processo de deterioração e apagamento” (2004, p. 88).

Em texto de 2005, Both faz um relato analítico sobre a realidade dos profissionais que trabalham com os idosos ou com questões voltadas para o envelhecimento e a velhice, avaliando o atual perfil profissional e a oportunidade de pensar sobre sua formação e sua identidade. O autor acredita que a atual realidade nessa área é incipiente e que a visibilidade da velhice e suas demandas ampliarão novos horizontes pela profissionalização dos serviços e pelos conhecimentos da modalidade.

É observado que existe apenas um sistema profissional e um sistema de ocupações que, aos poucos, se delineiam no atendimento e no aperfeiçoamento social em relação ao envelhecimento e à velhice, e cuja formação é híbrida, não existindo, portanto, um profissional com formação formalizada num curso de graduação e com atribuições oficialmente reconhecidas pelos profissionais de saúde coletiva. É o caso da Gerontologia, conforme o escritor rio-grandense, em uma de suas inúmeras pesquisas, publicada em **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, esclarece abaixo:

[...] ainda é cedo para se pensar de uma forma universal sobre o gerontólogo como um profissional de formação específica. [...] Muitos parecem ser os limites que se impõem, tais como o sombreamento com algumas especialidades, as quais também têm a responsabilidade de coordenar esforços públicos e particulares e de encaminhar o desenvolvimento de grupos sociais excluídos ou em dificuldades para integrar-se socialmente. O que, porém, não se pode afastar é o acúmulo de conhecimentos e de esforços no sentido de ampliar-se a visibilidade dos mais velhos, podendo, cada vez mais, haver a solicitação da presença de um profissional com conhecimentos formais na área gerontológica, dando conta deste universo em formação e oferecendo sua identidade profissional como aposta absoluta na vida e na gestão social dos mais velhos (BOTH, 2005, não paginado).

Rever o mundo com os olhos voltados para o novo, sem filtros, culpas, abertos à novas expectativas e experiências é gerir a velhice e ser solidário ao envelhecimento. O gerontólogo é quem vai acompanhar essa transformação, auxiliando na condução da vida, na gestão da convivência e da promoção das pessoas idosas. Essa questão edu-

cacional para a longevidade busca promover o bom desenvolvimento tardio e buscar nas instituições caminhos que levem ao acolhimento e ao respeito ao idoso.

Joaquim Garland, participante do concurso literário da Universidade Federal de Campina Grande, já mencionado anteriormente, trata do tema de maneira reflexiva no poema aqui transcrito:

Todas as rugas do tempo

Caminhando pela rua
vejo a fachada dos prédios
tão velhos quanto eu
e mesmo assim tão bonitos

está tudo envelhecendo
os costumes
as pessoas
posso sentir isso
o tempo agindo sobre tudo
o tempo agindo sobre todos

novos prédios
e novas pessoas surgem
a idade também chegará para eles
mais rápido do que pensam
eu sei
eu vivi
não demora mais ou menos
demora o necessário
não há com que se preocupar
pois os anos de experiência mostrarão
mostrarão quão errado ou certo fomos
o fruto do que fizemos
o peso das decisões tomadas

ilusão é pensar que a hora não chegará
pensar que nunca iremos parar
pensar que a juventude é eterna
e como muitos fazem em vão
tentar as marcas da idade camuflar

grande erro é não notar
o que de bom o tempo tem para nos ensinar
todo um novo olhar
mais calmo
mais experiente
nos mostrando o que por toda vida deixamos passar
coisas que na nossa frenética correria ignoramos

bom é ver
sem a menor presença de pressa
a beleza e a alegria da vida
saber que envelhecer não é o fim
mas sim o auge da nossa existência
e ao contrário do que muitos pensam
ter também o tempo necessário
para sinceramente amar a vida. (2013, não paginado).

O envolvimento do grupo de estudos foi de tal maneira proveitoso, que as visitas solidárias transformaram-se em sessões de escuta e aprendizagem sobre a vida e as vivências desses idosos que têm uma importância real em determinados países e são praticamente esquecidos no Brasil. O abandono é rapidamente sentido, quando um idoso perde seu companheiro ou companheira, a vida parece escapar-lhe do peito. Foi assim com Idílio, personagem de **Frutos de inverno** (2014) que ao perder sua Indalécia pensou em acabar com sua vida, o tempo e a ação de Eliana, a neta, ao incentivar a amizade com Maria e apoiar uma nova união conduziram-no ao rumo novamente:

Penso: mas que barbaridade! Como é difícil aproximar duas pessoas. O amor de velhos parece mais complicado em virtude de terem quase, como instintos, os costumes já definidos. Vejo o meu avô, quem diria fosse a forma da comunicação anterior tão difícil de ser cotejada com a atual. Penso sobre a natureza humana, por vezes tão delicada e, por outro lado, tão defendida. Quanto mais frágil a pessoa mais tende a se defender: parece ser a única coisa que possui. O sentimento de abandono surge com muita facilidade. (BOTH, 2014, p. 69).

A mesma percepção de sentir-se abandonado de cultivar a memória e a vida vivida com sua esposa tem-se de Crisóstomo, em **Contos do envelhecer**, que abandona um novo relacionamento para dedicar-se apenas aos seus pensamentos e devaneios.

Na obra acima citada, Agostinho Both busca expressões literárias sobre isolamento, inclusão e suas influências como suportes de uma velhice tranquila. Disserta sobre o assunto com conhecimento de causa, pois, além de graduado em Pedagogia, especializou-se em Gerontologia Social. cursou Mestrado em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro em 1972 e Doutorado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1998, com a tese **Identidade existencial na terceira idade: mediações do estado e da universidade**.

Em sua coletânea procura representar a maturidade de maneira robusta e espiritualmente forte, pois, à medida que essas crescem a fortaleza corporal diminui, sem, contudo, evanescerem as possibilidades de idosos viverem uma vida feliz, ativa e produtiva.

Correspondente a essa ideia, Lya Luft declara que a cada transição as pessoas executam seus rituais, perdendo alguns bens e ganhando outros, alguns duramente conquistados. A autora fala dos bens internos: “[...] é desses tesouros que eu falo: eles podem vencer o que nos paralisa. Não de superar essa cultura do aqui e agora, do

aproveitar, do adquirir, do estar na moda, do estar por cima, do estar-se agitando e cur-tindo sem parar”. (LUFT, 2004, p. 88-89).

As políticas sociais devem ser coerentes com os anseios e necessidades dos in-divíduos idosos. Both afirma que a velhice possui um inesgotável potencial identifican-do-se com a pedagogia da longevidade, sem deixar de cobrar uma gestão social em todas as faixas etárias do ser humano solidarizando-se com a vida em toda sua exten-são.

Questionado sobre as diferenças entre as sociedades oriental e ocidental a res-peito do tratamento destinado aos idosos, Both assim resumiu:

Não se faz um bom discurso com generalizações. Parece haver uma preocu-pação ocidental, tanto em resolver as questões econômicas, educacionais e sociais como em aprofundar conhecimento em torno da velhice, mas estas preocupações e a agilidade em resolvê-las são diferentes. Os países e suas condições econômicas, sociais e culturais apresentam-se de formas diferentes e, portanto, também oferecem de acordo com seu perfil condições melhores ou privações maiores no desenvolvimento humano. Por exemplo, é bem diferente o poder econômico de um velho aposentado na Alemanha e no Brasil, incidindo este poder sobre os cuidados na velhice independente ou dependente. Por sua vez a pressão política em torno dos idosos é diferente, ensejando-se melhor sorte para os países mais sensíveis e para seus idosos mais atentos aos seus direitos humanos. (BOTH, 2006, não paginado).

Agostinho Both cita, ainda, que a educação formal diferencia-se da informal diante do envelhecimento populacional. A primeira se atém aos ditames reducionistas do pensamento sustentado pelo sucesso financeiro produtivo e consumista excluindo a vida, em si, do currículo escolar:

As demandas éticas dos conteúdos escolares, da sala de aula, da família e da comunidade são objetos pouco preocupantes. Se é verdade que os hábitos re-sultam de atividades sistemáticas, quais são ou deveriam ser os hábitos a se-rem desenvolvidos? Quais são as tarefas propostas para a qualidade de vida? De que forma os alunos são sistematicamente convidados a exercícios para a qualidade de vida pessoal e solidária? Quais os cuidados aprendidos na vigi-lância sobre a saúde e as necessidades comunitárias? Qual a aproximação en-tre escola e família? A educação mereceria uma revolução, pois o sentido dela ainda está voltado para a brevidade da vida e em desenvolver os aspectos inte-lectuais, ficando em segundo plano, ou sem plano, o desenvolvimento ético (BOTH, 2006, não paginado).

Ao contrário, a educação informal, existente em vários municípios e também universidades que oferecem cursos destinados à terceira idade, oferece oportu-nidades, ainda que precárias, fortalecendo o aprendizado de idosos preenchendo uma lacuna nessa questão, além de socializar o indivíduo. Finalmente, Both expõe que:

As questões podem ser respondidas da seguinte maneira: os conceitos sobre a potencialidade humana em cada etapa da vida, as respectivas outorgas e condições legais e morais podem suscitar diferentes construções do envelhecimento e da velhice. Os valores pessoais e históricos e a flexibilidade em arranjá-los no advento das perdas são variáveis decisivas para a identidade existencial na terceira idade. As intervenções sociais e pessoais podem ser decisivas na evolução positiva do envelhecimento e, sem dúvida, as fragilidades e os acidentes podem precipitar situações constrangedoras para o desenvolvimento. O grau de opções intelectuais, afetivas, artísticas e de serviços para enfrentar as transformações, pode potencializar favoravelmente o desenvolvimento. Não menos significativas são as condições de acesso aos bens culturais, seja pelo poder econômico, seja pelas disposições políticas. Os esforços, portanto, perpassam a educação de toda a comunidade que pretende renovar seu estoque de interpretação ética e cultural ante o envelhecimento e a velhice. (BOTH, 2006, não paginado).

O doutor Emílio Moriguchi, gerontologista, outro entrevistado sobre o assunto pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU), afirma que atualmente a sociedade reconhece a importância e o valor social do envelhecimento que se inicia no momento em que somos concebidos e só termina com a morte. Muitas pessoas mantêm o pensamento que o envelhecimento acontece após os quarenta ou cinquenta anos, esquecendo-se que a passagem do tempo refere-se ao crescimento, amadurecimento e envelhecimento real.

Cita um exemplo, que acompanha alguns indivíduos já na vida intrauterina, a arteriosclerose, doença silenciosa que provoca o aumento do colesterol e entupimento de veias e artérias levando o indivíduo à morte. Como afirmou, isso depende dos hábitos de vida da mãe, já que nosso relógio biológico é ativado no momento da concepção.

A sociedade como um todo, mesmo consciente de seu próprio envelhecimento, alija os idosos de seu convívio. Simone de Beauvoir (1990) afirma que esse processo surge pela duplicidade de relações entre jovens e idosos que, mesmo respeitados em suas condições, seja de pais, mães, avós ou outros, são tratados como inferiores ou um peso a ser carregado pelos filhos. E mesmo nesses casos, são subestimados, perdem sua autonomia e liberdade.

Quando não se respeita uma pessoa em sua integridade emocional, intelectual e material, ela é excluída da sociedade pelos governos, pelas instituições, pelas famílias, pelas pessoas em geral. Os grupos mais excluídos por essas práticas são as crianças e os idosos.

Da mesma maneira como nos surpreendemos adolescentes, também nos surpreendemos velhos. São transformações antagônicas, enquanto nos fortalecemos fisicamente na adolescência, músculos, energia, libido aflorada, na envelhescência surgem rugas, branqueiam os cabelos, diminui a visão, o sexo já não é tão importante. Essa é uma questão que abordaremos mais adiante. O surpreender-se envelhecido é destacado no texto de Lya Luft: “Eu não vou à piscina há muitos anos, imagina se vou deixar alguém ver meu corpo do jeito que está!” (2004, p. 97).

As transformações nas pessoas são psicologicamente iguais, enquanto uma abraça o mundo com as mãos a outra enfrenta a angústia de estar perto da velhice. Uma carrega toda a insegurança, a outra traz consigo toda a segurança adquirida pelos acontecimentos diários e, por esse motivo, consegue dar tempo ao tempo, ter bom senso, condições de contribuir em todos os sentidos. Conseguem utilizar melhor suas energias e usufruem da segurança de saber o que fazer: “Não se ria ninguém daquilo que eu sou na aparência; ela pode esconder a melhor parte” (BOTH, 1998, p. 12). Caminhamos para a velhice mesmo sendo fortes e vigorosos na juventude:

O encantamento de todas as coisas, quer na família, no procedimento com os outros ou no contato com os objetos animados ou inanimados, é tão importante quanto o próprio saber. É verdade que a aplicação da mente para desvendar a ordem de todas as coisas é uma tarefa nobilíssima, mas, sozinha, vê-se reduzida a uma carência total de espírito. A ternura com que o universo se manifesta àqueles que o tomam, com estudo e admiração, é verdadeiramente um bem que não pode ser afastado. Por isso, as academias, quer das ciências políticas, das naturais ou da retórica, não podem renunciar a ver a pesquisa com amabilidade. O universo reclama tanto o conhecimento como a caridade. Se alguma dessas virtudes faltar, o homem não pode estar bem. Em primeiro lugar, é necessário o espírito poético, isto é, convém penetrar no mundo do conhecimento com uma reverente perplexidade diante de tudo. Só assim, o homem pode ser feliz. Os deuses estarão contentes por terem companheiros dedicados. Assim eu quero ser. (BOTH, 1998, p. 15-16.).

No texto **O tecelão**, do livro **Contos do envelhecer** (1998), Both argumenta sobre a sabedoria do ancião Teodor Lawinski em sua conversa com o bispo: “É tão difícil silenciar minha verdade, principalmente agora aos setenta anos” (1998, p. 27). O bispo, que deveria condená-lo à morte por heresia respondeu:

Se todo esse tumulto de ideias que pronuncias são pecados ou se um novo tempo se precipita, é isso que me confunde e, se estou aqui a discutir com um condenado, é sinal irrevogável de não se terem as certezas dos antigos bispos. Vai para casa. Silencia o mais que podes sobre o que dissemos e vê se diminui as imprudentes palavras. Elas podem matar (BOTH, 1998, p. 27).

A mudança ou não observância dos paradigmas estabelecidos por uma sociedade, pode provocar isolamento daquele que não os considera verdadeiros. Além de Teodor Lawinski, o autor reflete e discorre sobre a velhice feminina no conto **A senhora Webster**, que também faz parte da obra **Contos do envelhecer**:

Ninguém é capaz de julgar a dor de uma pessoa. Se tentar julgá-la antes do tempo estará precipitando o que, possivelmente, nem existirá. Se tentar, depois do tempo, provavelmente, o juízo estará prejudicado por razões atuais. Se tentar julgar no devido tempo, terá a dificuldade de não entender o que se passa verdadeiramente. Mas, como imaginação é livre e a verdade é desconhecida, ousou descrever os dissabores da senhora Webster. (BOTH, 1998, p. 29).

Nesse conto, o narrador relata a história da personagem Sra. Webster como uma mulher velha, aparentando uma impotência em relação à vida, sentindo-se entregue física e mentalmente. Socialmente, então, já não se sentia engajada, não se preocupava em estar bem, causar boa impressão também não fazia mais parte de suas preocupações: ao visitar-me comparou-se a uma cuidadosa mulher que conhecera e que, mesmo ao fim da vida preocupava-se com a ordem e arrumação das coisas. Sentindo-se diferente daquela afirmou-me “Comigo é diferente! Estou no fim da minha vontade! Não ergo mais um dedo para melhorar as coisas!” Preocupado, eu a senti revoltada, perguntei-lhe o que acontecia disse-me ela: “Se nem aos trinta tinha vez, o que há de sobrar agora que estou com setenta?” (BOTH, 1998, p. 30).

A senhora Webster era uma mulher submissa, quando jovem, vivia sob as ordens de seu pai que arranhou-lhe o casamento, ao qual ela se submeteu, teve quantos filhos pode, amamentou-os e quando sentia-se em desespero falava ao pastor sobre suas dificuldades e este as atribuía ao demônio e a mandava para casa orar.

Agora, suas filhas não precisavam mais de seus préstimos, ainda bem que não deixara o marido escolher seus homens: “os fortes desejos completam-se na própria vontade; se assim não for, existe náusea. Foi isso que mais senti durante a vida” (BOTH, 1998, p. 30). A título de consolo argumentei “que, agora, velha, estava mais livre, - para fazer o quê? – perguntou” (BOTH, 1998, p. 30)

A senhora Webster teve uma vida difícil. Primeiro sob a dependência paterna, depois sob a dependência do marido. Com o passar dos anos, tomou consciência da importância de abrir a mente para novos horizontes, novos aprendizados, não permitindo que suas filhas tivessem o mesmo destino. Exercitou sua contribuição nas orienta-

ções que lhes passou e, apesar de tudo, ainda sentia-se forte o suficiente para manter-se.

Continuou sua reflexão sobre a dor de envelhecer e como os filhos a viam, uma estranha e esse não é o meu lugar. Um dia na casa de cada filho. Esses já não mais precisavam dela, cantar no coral da igreja não lhe permitiam mais, sua voz já não estava tão boa. “A única coisa que tenho é um pedaço de terra: é ainda a minha salvação” (BOTH, 1998, p. 31).

Para a Sra. Webster, o pedaço de terra, era o pequeno bem que lhe restava. “Terrinha essa que causava irritação em seus filhos, porque mantê-la? Porque não vendê-la?” (BOTH, 1998, p. 31). Era seu único trunfo. Contou-me ela que havia vendido uma parte e com o dinheiro apurado ergueu um pequeno rancho no restante do terreno e no qual foi morar. Só.

Estava entregue ao desânimo e ao desespero da solidão e do envelhecimento, sem preocupar-se em causar boa impressão aos que a vissem acreditando estar no fim da vida e assim pouco se importava com sua aparência. “Isso não devia acontecer. Sou estranha e, a cada dia que passa, me olham como se aqui já não fosse meu lugar” (BOTH, 1998, p. 31).

Sobre o sentimento de solidão, refere-se Clarice Lispector, em seu conto **O grande passeio** (1998). Conta a história de Mocinha, uma velha senhora vinda do Maranhão para o Rio de Janeiro, pois, perdera toda a sua família. Sozinha no mundo foi acolhida por uma família que, embora de má vontade deixaram-na dormir em um quarto nos fundos do quintal:

Dormia agora, não se sabia mais por que motivo, no quarto dos fundos de uma casa grande, numa rua larga cheia de árvores, em Botafogo. A família achava graça em Mocinha, mas esquecia-se dela a maior parte do tempo. É que também se tratava de uma velha misteriosa. Levantava-se de madrugada, arrumava sua cama de anão e disparava lépida como se a casa estivesse pegando fogo. Ninguém sabia por onde andava. Um dia uma das moças da casa perguntou-lhe o que andava fazendo. Respondeu com um sorriso gentil: - Passeando. Acharam graça que uma velha, vivendo de caridade, andasse a passear. Mas era verdade (LISPECTOR, 1998, p. 15).

Os passeios cuidavam de sua alma e lhe davam um novo alento. Era nesses momentos que sentia o coração leve e lembrava-se de sua família. Retornando ao conto da senhora Webster, encontramos a personagem com algumas confluências com o conto de Clarice Lispector, ao ler o conto Sra. Webster de Both:

E foi a desolação das folhas caídas que me trouxe a recordação dela. Fui à sua casa e encontrei as coisas alinhadas e limpas. Quando ia chegando, mostrou-se alegre, embora reclamasse da demora em visitá-la. Suscitei nela uma conversa agradável ao provocá-la a falar sobre as modificações tão profundas que se apresentavam em seu corpo: -Fazia toda vida que ninguém estava em meus sentimentos. Você me deu sua atenção” (BOTH, 1998, p. 32).

Feliz em rever-me, reclamando de minha demora, e afirmando que eu fui para ela o único a dar-lhe atenção percebi a chegada de mais visitas, todas velhas e a conversa girou sobre suas aflições sobre o envelhecimento e o outono da vida.

O grupo começou a caminhar pelas montanhas fazendo visitas, cantando, orando enquanto andavam, ou simplesmente aproveitando a natureza. A senhora Webster trabalhou lindamente seu jardim, pintou sua casa, fazia visitas regulares a gente de sua idade caminhando pelas montanhas. Estava alegre e corada, com a pele mais viçosa e rejuvenescida. Mostrando que o exercício físico lhe fazia bem e a rejuvenescia.

Esse fato causou incômodo ao pastor e ao vigário da região. O que aquelas mulheres velhas faziam caminhando pelos morros em vez de recolherem-se em suas casas? Foram chamadas para dar explicações e pediram-me que as acompanhasse para ajudá-las:

-São motivo de preocupação essas andanças incomuns. Não sei onde tudo isso vai dar. É fora de razão essas velhas andarem de cima para baixo. Que se atenham ao costume de estarem com os familiares. [...] - Não há motivos para preocupação no fato de algumas velhas prestarem atenção umas nas outras. Nós não estamos praticando nenhuma bruxaria, apenas temos um comum o fato de não ter mais o que fazer. Estamos prestes a descobrir algumas tarefas com as quais podemos dispor melhor o tempo. [...] O vigário e um de seus assessores fizeram ver que elas estavam fracas de saúde e que o outono era péssimo tempo para saírem de casa. [...] - Se fosse assim, não poderíamos sair na primavera e, muito menos, no inverno. Ao contrário, estamos de bom humor e de corpo vigoroso. (BOTH, 1998, p. 33).

As mulheres, ao responderem às observações do padre e do pastor sobre a atitude delas em fazer visitas, percorrer caminhos difíceis pelas montanhas, desfrutar do sol e do frio, percebem que aquilo é que lhes trazia a vida de volta:

Tenho acompanhado a movimentação das mulheres e também opino que o ar das montanhas lhes faz muito bem. Não há motivo de preocupação no sentido que venham a estragar a fé e os antigos costumes: elas apenas querem prestar a sua colaboração antes de morrer. O que pode assustar é que elas não vão partir tão cedo, com o que não se está acostumado. [...] - Ora! - continuei – o que se pode temer de mulheres que rezam enquanto caminham? [...] Não demorou muito e um acontecimento abalou as senhoras que envelheciam: uma delas, conforme se podia esperar, faleceu. Os assessores espalharam que era castigo por não ficarem em casa. De fato, algumas delas entenderam que deveriam seguir a tradição e assinar as escrituras de suas posses para seus descendentes. E até concordaram que, dali em diante, o si-

lêncio seria a virtude dos mais velhos. Mas não foi o que a senhora Webster entendeu, morreu dez anos depois caminhando durante o inverno (BOTH, 1998, p. 34-35).

Pode-se perceber nesse relato, a importância de dar a devida atenção ao idoso, de permitir que esses mantenham as rédeas de sua vida até o momento em que se sentirem capazes, de manter seus pertences, promover uma ocupação que ao mesmo tempo lhes seja agradável e cause prazer.

A senhora Webster e suas amigas, companheiras de caminhadas, sem ter a intenção, estavam exercitando seus corpos e preservando suas vidas. O exercício contribui com a longevidade, além de fortalecer os pulmões, diminuir o estresse, combater a osteoporose entre outros benefícios. Ficar em casa, parada, como sugeriam o pastor e o pároco, só iria encaminhá-las para a morte mais rápida.

As práticas esportivas e de atividades físicas, em qualquer idade beneficiam o corpo e a mente. Especialmente na terceira idade, a atividade física contribui para o desenvolvimento das melhorias fisiológicas, psicológicas e amplia a socialização. Para que esses benefícios sejam reais, é necessária uma avaliação, pois com o decorrer dos anos, o corpo é submetido a desgastes naturais que as atividades físicas contribuem para amenizar e melhorar o desempenho aeróbico e fortalecendo a resistência muscular:

Na juventude somos aprendizes, somos amadores na vida. Na maturidade devíamos ser bons profissionais do viver: lúcidos e ainda otimistas, mais serenos, de uma beleza diferente, produtivos e competentes. Mas me disseram que passada certa fase não posso mais mudar de rumo, de casa, de roupa, de lugar. Mesmo na pior relação, nem pensar em me separar, em me apaixonar (ainda que eu seja livre), em ter uma boa vida sexual (ainda que eu seja saudável). (LUFT, 2004, p. 106-107).

Lya Luft bem posiciona o perfil da sociedade em relação à velhice e ao envelhecimento, o indivíduo é cobrado pela sociedade por envelhecer. Lya declara-se solidária com suas personagens fictícias e declara-se otimista apesar de reconhecer que as doenças, as fatalidades e a morte são inevitáveis, mas também, acredita ser dona de seu destino. Em vez de queixar-se da sorte, procura rever suas escolhas e melhorar seus projetos: “precisamos superar a ideia de que estamos meramente correndo para o nosso fim, num processo de deterioração e apagamento” (LUFT, 2004, p. 88).

Simone de Beauvoir (1990) esclarece que as pessoas idosas, de modo geral, são relegadas a uma situação de esquecimento social, não são solicitadas a dar opini-

ões, nem consultadas o que lhes causa falência em seu desenvolvimento. No caso das mulheres, essa questão percebe-se mais amena do que nos homens, esses, em sua maioria, têm suas atividades restritas ao trabalho e ao envelhecer delegam suas atividades aos filhos ou retiram-se após a aposentadoria. As mulheres, por exercerem suas atividades no trabalho e ainda cuidarem das atividades domésticas, acabam se beneficiando, terminam suas atividades profissionais, porém, seus afazeres domésticos continuam o que lhes dá autonomia. À mulher:

Foram dadas tarefas sociais restritas às coisas do lar, Aristóteles, o filósofo de Estagira afirma até que a mais bela virtude feminina é o silêncio. Apesar da situação, a mulher construiu formas agradáveis e mais condizentes com a dignidade humana. As mulheres, reduzidas ao governo da casa, concretizaram benefícios para si mesmas. Em vez de disputarem o poder dado ao homem, ocuparam-se mais do amor e da beleza. Dessas tarefas, elas têm lucro, de modo especial, no envelhecimento. Isso pode ser conservado quando, no advento da velhice, o homem é retirado do convívio social e muito pouco lhe sobra do prestígio concedido pelo poder. Os filhos retiram o poder dos pais em casa, e os mais jovens afastam os homens velhos da sociedade. O que é visto, então, é muito deprimente: definitivamente, a maioria não sabe mais o que fazer da vida, acelerando-se a morte. A mulher, por causa dos costumes do amor familiar e das artes caseiras, encontra-se em posição diferente: tem prestígio na família e na sociedade; pode reunir-se com as amigas, pois não ameaça nenhum adulto. Assim vai conduzindo o seu envelhecimento (BOTH, 1998, p. 78).

E, ainda, segundo Agostinho Both:

É observado por muitos que os homens, quando perdem o poder, reclinam-se sobre si mesmos e morrem. Já a mulher, ao ser instigada a diminuir os laços do poder, procede diferentemente: ergue a cabeça e pratica, particularmente ou com as amigas, uma agradável arte. O homem se sai mal: perde o mando do roçado e dos bois e fica a esmo. Para aliviar a extrema angústia, é comum entregar-se à morte, de diferentes maneiras (1998, p. 71).

Nota-se que, em especial, as mulheres dedicam-se a afazeres que nada têm a ver com sua ocupação profissional. Outro ponto importante e necessário para assegurar um envelhecimento saudável refere-se à amizade entre as pessoas. O convívio social, familiar ou com amigos, estabelecer novos relacionamentos, conhecer pessoas novas trazem movimento e dinâmica à vida. Idílio, personagem de **Frutos de inverno**, vivencia isso ao retornar de uma viagem:

Não temos aeroporto pra voo longe de casa. Em Porto Alegre uma pequena parada. Velho gosta de visitar amigos e dar paradas antes de chegar. O encontro fez muito bem. Alegrias rondando a mesa, lembranças de família e sonho de todos. Adultos e jovens em estafantes atividades e velhos viajando. Ainda deu tempo pra falar de minha neta. Coisa mais amável um ser se dispondo a

olhar um velho como se fosse coisa muito importante. Agradeço por ser o velho avô contando com uma neta assim (BOTH, 2014, p. 61).

Estar junto de pessoas queridas, de familiares, relatar as aventuras de viagem ou de passeios rejuvenesce e fortalece os laços:

Seu Idílio me mandou o seguinte: Mama mia, Eliane, você me deixou contente, muito mais do que o mar pode me deixar. Olhei pro mar enquanto lia tuas palavras pra Maria; me enchi de orgulho. Não cabia tudo em mim. Essa tua amizade, querida, quase devoção pra com tuas crianças, é alfabetizar para a ternura. Por isso continuo falando de mim e da Maria, tendo em vista a amizade que encontrei no navio. Não há dúvidas somos seres carentes, todavia, em momentos me pareço tão destemido que o navio me parece me seguir. O navio vai comigo! A amizade de Bráulio e Ricardo, brasileiros entre bárbaros, e sua gente fez acontecer melhores dias (BOTH, 2014, p. 75).

Mudar os hábitos programando viagens e passeios, conviver com pessoas diferentes, visitar locais históricos e culturais estimulam a socialização e a criatividade.

Nesse ponto abre-se um espaço para reflexão e uma análise do conto **Uma história do velho preguiçoso** (BOTH, 2014, p. 71), no qual o personagem João Hipólito Fernandes resolve mudar seus hábitos, antes de sentir-se envelhecido. Queria fazer sua arte e decidiu-se pela música. Abdicou de duas tardes de seu trabalho para a tarefa. Foi duramente criticado pelos amigos, pela esposa, pela família: “É um abuso contra os filhos ficar aí com a flauta, de cima para baixo, em vez de ficar no seu trabalho” (BOTH, 2014, p. 72). Queria ele dominar a arte. “– Quem gosta de música deve gostar de poesia. Vou comprar algumas obras poéticas” (BOTH, 2014, p. 72).

Houve revolta, greve de sexo, não havia mais diálogo. Ele se revoltou e abandonou seus sonhos: “– Não quiseram ter de mim um homem suave. Agora terão um trabalhador exemplar. Ficará quieta a flauta, e a poesia se cobrirá de poeira.” (BOTH, 2014, p. 72). Voltou ao trabalho integralmente, obteve resultados excelentes, enriqueceu, promoveu festas repletas de falsos amigos, afastou-se da família e bebeu. Seus filhos e esposa tinham tudo o que desejavam e pouco se importavam com sua felicidade ou fidelidade. Seu médico advertiu-o, a bebida estava excessiva.

Foi deixando que seus filhos tomassem conta de sua vida profissional e foi alijado como objeto inútil. Os filhos prosperaram introduzindo novas realidades ao negócio. Ele já não se pronunciava, mas sentia um alento bem no fundo de sua alma que aos poucos tomou corpo: “Hei de ver minhas coisas e criar juízo melhor sobre mim. Retornar é preciso” (BOTH, 2014, p. 74).

Cabeça levantada, dieta, exercícios, boa alimentação, procurou por formação específica, em *marketing*, no sentido de incrementar as vendas e prosperou novamente. Os filhos e a esposa inquietos com essa nova investida sentiram-se apreensivos e pediram que se acalmasse. Sua resposta foi que ainda zelaria por sua empresa. O caso foi aos advogados e a divisão seria a seguinte: ele teria seu próprio empreendimento e no restante uma participação com direito a opinar.

Cresceu, elaborou planos de apoio aos aposentados e ensinou aos filhos que sempre se pode ir além do que se programa. Implantou programas artísticos para seus funcionários e filhos, uma escola de poesia e outra de música, pois, em sua opinião, “nenhum trabalhador viveria a vida sem arte” (BOTH, 2014, p. 75). E assim vinte e cinco anos se passaram com seus funcionários usufruindo de novas práticas e crescendo.

No dia de sua morte alguém deixou o recado: “O vento se alegra numa flauta de bambu. Sou da opinião de que a alma humana soou bem nas formas de João se apresentar” (BOTH, 2014, p. 75). Sua mulher também aprendera a lição. Sempre é tempo para ser. Sua flauta, presenteada aos filhos, tornou-se o símbolo da empresa.

O conto **A benzedeira de Passo Fundo**, conta a história de benzedeira, mulher quase velha e, como todas as benzedeiros, popular entre os mais carentes que a buscam como alternativa pela falta de atendimento médico adequado e por absoluta falta de recursos. Rezar e benzer são termos que podem operar milagres desde que haja fé.

Relata a personagem do autor que conheceu um homem fragilizado na casa de uma benzedeira, passado algum tempo, durante uma caminhada, reencontrou-o alegre e saudável e indagando a respeito de sua saúde o homem exclamou: “ou me benzo ou morro!”.

Mostra a expressão e a necessidade de alento que atinge algumas pessoas e o quanto faz bem acreditar que um gesto de bondade, de fé, de caridade ajuda a levantar o ânimo das pessoas, independente de sua fé ou crenças. Estava ele bem disposto, alegre e me deu a seguinte explicação,

Não sei mais se é verdade, mentira ou loucura. Preciso eu mesmo me esclarecer. Minha palavrinha é modesta: é menos que um capim de outono. É pálida a minha ideia perto daquilo que se sucedeu. Sei lá se Deus invadiu a chichola do meu peito, sei lá se é assim mesmo que acontece no envelhecer. Não sou mais o mesmo. Olho para o mato e denomino, palavra por palavra, o nome das árvores. Olho para trás e soletro as datas dos acontecimentos. Olho para as montanhas e rios e vou anunciando suas respectivas vidas e transformação. Vejo, então, que existe mais loucura no meu pensar. A minha ideia é um retrato fiel. Mas o que me aconteceu com a senhora benzedeira, eu devo confessar, não se conforma às regras vigentes (BOTH, 1998, p. 80-81).

Fui em busca da benzedeira e esperei que ela atendesse aos primeiros da fila. Ao chegar a minha vez ouvi:

Vem. – ela falou.
entrei nos aposentos limpos. Pôs a mão na minha cabeça e orou: -“Deus que nem te spera, nimiaflinge”, fiquei quieto, quietinho, ouvindo. (BOTH, 1998, p. 80).

Balbuciando palavras de uma oração e eu, em silêncio aguardei ouvindo suas palavras dizendo que eu estava muito triste, solitário, os filhos se foram, aposentado sem saber como me ocupar e esperando a morte. Porém, disse a velha senhora, em tudo há esperança e o dedo de Deus. “tão triste está tua alma que chora. Uma conversa, uma conversa e uns chás, é isso que eu vou te dar” (BOTH, 1998, p. 81).

Algumas conversas e uns chás, às vezes, esse é o carinho cuidadoso que uma pessoa necessita em momentos de grande aflição. Os idosos, geralmente, são pessoas que não têm com quem conversar, os filhos não têm mais muito tempo para lhes dar atenção em função de suas atividades. Portanto, algumas conversas e uns chás são elencados à posição de poderosos medicamentos da medicina alternativa:

É isso que o solitário necessita, uma boa conversa, uma companhia, seja para caminhar ou para dançar ou para sair ou apenas para ficar em silêncio. Além disso, a presença divina em todas as coisas nos alegra e alivia o coração. Continuo a encontrar o homem em minhas caminhadas e quando o vejo penso: “Este é um exemplo preciso de que há na limitada liberdade uma possível e extraordinária virtude. Não tendo uma expedita medicina, foi encontrar alguém que lhe devolvesse a saúde em circunstâncias favoráveis” (BOTH, 1998, p. 81).

Sentir-se importante e necessário para alguém, ser capaz de efetuar pequenos afazeres, talvez dedicar-se à tarefas voluntárias, coisas que fazem bem à alma ao coração e aos outros:

Continuo com minhas caminhadas e procuro encontrar outra pessoa que me fale sobre uma velha benzedeira para me certificar que mesmo o envelhecimento, cheio de suas naturais dificuldades, pode oferecer o que oculta aos menos avisados, como se fosse a medicina da alma com suas mãos amparando a cabeça daqueles que não tem onde a descansar. (BOTH, 1998, p. 82).

Que a velhice é um fato, sabemos todos, porém, é um fato cultural e, assim sendo, sujeita a transformações. Como cita Lya Luft: “Precisamos superar a ideia de que estamos meramente correndo para o nosso fim, num processo de deterioração e apagamento” (2004, p. 88). Assim acontecia com Crisóstomo, personagem de Agostinho Both em **Conversa de velhos** (2009). Ao ficar viúvo de Josilda, começa a sentir os sin-

tomas da depressão. Ataulfo, seu amigo e confessor, preocupado, procura socorro no meio acadêmico da universidade local para ajudá-lo:

Era um caso de alucinação afetiva. Estava sem outra palavra, sentimento ou ação. Tudo havia se estratificado na forma de sua mulher. Era de se entender que quisesse dentro da lógica de sua fé, encontrar seu equilíbrio. Era explicável que delirasse com o conhecido e absoluto amor, não encetando novas comunicações. (BOTH, 2009, p. 58).

Crisóstomo sentia-se perdido, devia tomar “um choque de amor terreno ou aplicado de qualquer outro expediente que surtisse algum efeito, fazendo-o voltar para as coisas da Terra” (BOTH, 2009, p. 58). Estava o homem com dificuldades em aceitar a perda afetiva da esposa e, apesar de sua resistência, Ataulfo pede-lhe que retorne à Igreja dizendo-lhe que a eternidade ainda não lhe pertencia. Sobre isso, Lya Luft comenta que:

Mulheres tem maior capacidade de formar laços, de curtir afetos, de se reunir em grupos. São mais solidárias e mais cúmplices entre si. Talvez com mais capacidade de alegria. Vejo mulheres viajando sozinhas, em pares ou grupos, divertindo-se, conhecendo coisas e lugares, cultivando interesses, travando novas relações, voltando a estudar. Interagindo, progredindo. Não vejo tantos homens fazendo o mesmo. Viajando em dois ou em grupos, desconheço. Voltando a estudar, raramente. Por que aos setenta anos não se pode fazer uma pós-graduação, por exemplo? Ou entrar pela primeira vez em uma biblioteca pública para ver o que há nos livros? O que se vê de novo nos cinemas? Seja como for, todos precisamos encontrar uma solução para o inibidor medo da passagem do tempo, que é afinal medo de viver. Preferíamos nem viver para não gastarmos a alma encolhidos na concha da alienação. (LUFT, 2004, p. 109 - 110).

Talvez seja a mulher uma pessoa mais livre, com sentimentos, às vezes, profundos, porém, capaz de deixá-los latentes para lembrá-los apenas nas horas de saudades. A mulher é dinâmica geralmente, talvez por ser capaz de desempenhar as tarefas profissionais e domésticas sem que uma interfira na outra, além disso, ainda responsabiliza-se pela criação dos filhos. Isso proporciona à mulher uma situação mais confortável em relação ao envelhecimento. Não se sente constrangida em tomar iniciativas, fazer viagens, passeios sem necessitar da companhia masculina. O homem, muitas vezes, é mais dependente, não espera ser aceito em reuniões femininas sem a presença de uma companheira.

Essa questão é pertinente ao conto já comentado acima sobre a benzedeira, quando o senhor que necessitava de rezas e bênçãos, ao fazer sua visita à benzedeira teve a seguinte experiência:

Fez-me deitar pondo suas mãos nas minhas têmporas. Acordei e estava só na sala limpa. Tive uma sensação de abandono e avalei o quanto os meus atos diários estavam sem os laços de ternura. Na maioria das minhas decisões e ações, estava preocupado comigo mesmo. Vi o quanto a solidão era consequência de minhas excessivas preocupações com aquilo que me pertencia. Chorei feito uma criança por ter perdido o meu ser em mim mesmo. Isso não foi nem uma nem duas vezes. Era um procedimento diário. Agora busco a solidariedade de tudo e os outros me governam (BOTH, 1998, p. 82).

Esse era o sentimento que assolava o peito de Crisóstomo, personagem de **Conversa de velhos**. Alertados pelo vigário e amigo, os filhos de Crisóstomo promoveram uma viagem do pai ao Maranhão, onde ficou por algum tempo. Ao retornar, surpreendeu-se, os filhos reformaram e decoraram sua casa, sentiu-se acolhido e feliz, mas sentido por Josilda não poder participar de sua alegria. Foi incentivado a frequentar uma oficina literária, o que fez com certo receio, porém, sentiu-se bem com as reuniões e conheceu novas pessoas, ampliando as possibilidades de retornar à vida e relacionar-se com pessoas de sua idade.

Agostinho Both, fundamentado em seus estudos e pesquisas sobre o envelhecimento, viaja entre os costumes e alternativas para o mesmo. Existe um leque de possibilidades entre os extremos, o dia em que nos percebemos envelhecer e o dia em que o silêncio toma conta. Cabe à pessoa determinar em qual realidade quer viver, a solitária ou a produtiva, usufruindo das raízes do passado para estabelecer novos códigos de vida e novos direcionamentos.

Percebeu Crisóstomo que não podia continuar a carregar seu pesado fardo. Era hora de viver. Em seu grupo de leituras havia reparado em Letícia, que, com certeza saberia aceitar e respeitar seus sentimentos para com Josilda e conviver com eles, mas, aconselhou-se com o amigo Péricles. Esse lhe disse:

Tens medo de que?[...] Somos passageiros e feitos de paisagens. Essa agora tem a alma transparente. É capaz de aceitar que ainda tenha sentimentos antigos te povoando. Escuta, homem, nossa viagem não pode ser feita de bagagens pesadas. O amor de Josilda, homem, foi um aprendizado e tanto. A lição não pode se prender ao tema já feito. Que haja dor pela perda, tudo bem, mas isso já é tortura! A perfeição não se esgotou em Josilda. Diga à Letícia seus temores. Vais ver, então, o poder que ela tem de conviver. (BOTH, 2009, p. 65).

Crisóstomo reflete sobre o assunto e imagina como poderá agradar Letícia sem repetir os agrados destinados à Josilda. O medo do novo, diferente daquilo ao qual já nos acostumamos, adentrar na busca por novas experiências são fatos inerentes às

peças que se imaginam velhas e que, na verdade, pensam que velhice é viver tudo igual, da mesma maneira. Não existe homogeneidade na velhice, essa é múltipla e com características tão individuais que não permitem sua aglutinação em torno de uma só característica. Verdadeiro apenas é o pensamento de que só consegue-se encarar a velhice na vigência desta: “Por motivos óbvios é impossível imaginar uma etapa de vida posterior àquela em que estamos. Às vezes já chegamos na metade da fase seguinte quando nos damos conta de que já estamos nela.” (EIZIRIK, 2013, p. 228).

De acordo com o estudioso Cláudio L. Eizirik:

Para aqueles que não são velhos, ser velho significa ter sido. Porém ser velho significa também que, apesar e além de ter sido, você continua sendo. Esse ter sido ainda está cheio de vida. Você continua sendo, e a consciência de continuar sendo é tão avassaladora quanto a consciência de ter sido. Eis uma maneira de encarar a velhice: é a época da vida em que a consciência de que sua vida está em jogo é apenas um fato cotidiano...afora isso, tudo é tal como antes (2013, p. 228).

A velhice é um estágio em que a pessoa é considerada sábia, experiente, isso, em função dos anos vividos e das variadas situações que as pessoas vivenciam. É com a vivência que se aprende, que se adquire experiência, o que não caracteriza sabedoria, repensar os valores, o modo de pensar e refletir sobre a vida, embora essas questões não se sobreponham à fragilidade do corpo.

Em **Frutos de inverno** (2014), o personagem Idílio comenta sobre como uma viagem pode demonstrar essa fragilidade do idoso, como vimos anteriormente. Mudar e atualizar conceitos, deixar aflorar o bom humor e procurar melhorar suas limitações, dentro das possibilidades, elevam a autoestima e tornam as pessoas mais acessíveis. Ressaltando-se a importância que o lazer ocupa na vida das pessoas. Além disso, o trabalho voluntário preenche o vazio da obrigação.

Em **Conversa de velhos** (2009), Crisóstomo ouviu de seu amigo Péricles que o padre o havia chamado para organizar uma ONG (organização não governamental) voltada aos cuidados de idosos em situação de risco e de moradores de rua com idade avançada. Péricles o convidou para ajudar o que contribuiu para que Crisóstomo se sentisse mais revigorado e alegre, as dúvidas desapareceram, conheceu a sensibilidade e o amor pelo próximo consolando aqueles mais necessitados. Um dia, reuniram todos e a aventura começou. Uma viagem a um balneário em época de baixa temporada:

Todos eles estavam diferentes, ao avistarem, de dentro de seu ônibus panorâmico, as paisagens exuberantes. Renovavam seu interesse pela vida. Esclareceu-se, de forma vigorosa o quanto os espaços dão conta da alma. Estreitados em suas casas, com a repetida visão das paredes, definhava-se a alma. Aí estavam agora, de olhos cheios de lágrimas, tendo o que não pensavam mais em possuir: seus olhos acarinhados por todas as cores e por todas as formas vivas e mortas. As montanhas com seus vinhedos, as matas em início de outono, as palhas cinzas e a imensidão de três tardes (BOTH, 2009, p. 115).

Proporcionar aos idosos a oportunidades de conhecer um lugar novo fez com que se sentissem rejuvenescidos. Abriu-se um mundo novo.

Essa foi a sensação dos idosos da ONG ao viajar para o balneário. Independência, a sensação de estar novamente com as rédeas de suas vidas, estar no comando, sem ninguém para pedir que tivessem cuidados, que não fizessem esforço. Estavam livres e felizes.

Era o caso de João Hipólito, em **Contos do envelhecer** (1998), cerceado em suas ideias de implantar as artes na empresa reprimiu-se e envelheceu abandonado pelos amigos e pela família. Porém, “uma luz ainda espreitava o fundo de sua alma. E numa manhã de abril, topou com pinhões caídos”. (BOTH, 1998, p. 74). Uma serenidade se instalou em sua alma e tomou a decisão de aumentar a sua autoestima. No mesmo episódio, encontramos a reflexão:

A velhice já possui em si mesma um certo sofrimento: o corpo fica frágil e isso pode ser visto nas mãos que tremem e nas vistas que não retratam com fidelidade o contorno e as cores. Fica por mim estabelecido que quero saber um pouco mais da vida que apenas mandar. Vou fazer de mim uma arte (BOTH, 1998, p. 72).

É notória a importância que a atividade, seja ela intelectual ou física, tem na vida das pessoas idosas, e o quanto é importante perceber que ser dono de suas ações, opiniões e atitudes contribui para um envelhecimento saudável. O personagem João Hipólito tinha seu desejo de espalhar a arte a todos os que o cercavam, especialmente seus funcionários.

João Hipólito resolveu que a vida lhe era preciosa e sentia-se grato por isso. Tomou as rédeas de si mesmo, foi aos exercícios, ao médico, procurou ampliar seus conhecimentos e surpreendeu a esposa e os filhos, que preocupados pediam que se acalmasse. João acabou ficando responsável pelo seu próprio empreendimento e com participação no negócio dos filhos. Instaurou em sua nova atividade planos sociais de apoio aos funcionários aposentados e incrementou as relações sociais entre seus fun-

cionários, implantou aulas de música e escola, o que demonstrou aos filhos que o bem estar do outro pode estar diretamente ligado ao próprio bem estar. Sua velhice foi recompensadora, seu esforço transformou-se em oportunidades para terceiros. Assim, mais uma vez, está comprovado que a atividade intelectual, física e a promoção do bem são benéficos ao corpo e à alma além de proporcionar um envelhecimento saudável.

Idílio, personagem de **Frutos de inverno** (2014), ao perder a esposa Indalécia sentiu-se vulnerável e perdido. Muito fosse por sua neta Eliane que passou a cuidar de sua vida estaria entregue a mais profunda depressão. Sentia dificuldade em conviver com a perda e pensava apenas na morte. Eliane começou a promover encontros de seu avô com os antigos companheiros e percebeu sua mudança. Ressalta-se a importância da atividade social e do lazer em benefício da recuperação. Idílio apaixonou-se, reviveu, remoçou, estava feliz. A família era contra, mas sua neta Eliane o apoiava dizendo às tias: “mania essa de acharem de velho não poder amar! Vocês já andam mais pra lá do que pra cá. É bom pensarem diferente da velhice” (BOTH, 2014, p. 37).

A única que apoiava era tia Manuela:

Sabe tia Manuela que o vô tá namorando?
 Pois é, a tua mãe me contou. Ela parece cheia de dúvida se vai fazer bem pro pai.
 E a senhora?
 Uma maravilha!
 Também penso assim.
 E você sabe que teus tios concordam com elas?
 Sei nada.
 Pois a coisa vai pegar fogo. Os três sempre foram uns jumentos de cabresto. Agora dizem de boca cheia: agora podemos administrar as terras e o velho precisa de muito pouco. Tem até aposentadoria, dizem (BOTH, 2014, p. 37).

Esse desenrolar a respeito da vida de Idílio torna-se um lugar comum. Ao envelhecer, o homem ou a mulher, parecem tornar-se dependentes dos filhos. Estes acham que além de ficar viúvo ou viúva, a pessoa perde a capacidade de reger a própria vida. Apoiar e incentivar o idoso a continuar a organizar a própria vida é dever dos filhos e parentes mais próximos para que sua recuperação relativa à perda da pessoa querida seja mais branda.

É necessário cuidado com a vida para envelhecer bem e isso, de acordo com Eliane, que era professora, deve ser ensinado desde a mais tenra idade. Atividades sobre a formação dos hábitos, a integração com pessoas idosas promovem a tolerância e apresenta, o envelhecimento como um processo natural e satisfatório:

Carta à um piá (seu bisneto)

Estou realmente como um bisão velho. Louco de vontade de sair da reserva. Vou reunir todas as forças pra enfrentar os matadores. E é muito engraçado, meu piá, quanto mais frágil me torno mais compreendo tudo o que acontece. Me torno sem palavras até diante da maldade. Neste estado em que me encontro vejo de perto toda a grandeza e pequenez da alma. Agora estou em condições pra perdoar e amar. Peço que escreva uma carta pra Maria, uma vez que pouco posso dizer em razão do mal estar que de uns dias pra cá vem me possuindo. Diga a ela o que você me disse: que mulher maravilhosa é essa bisa que encontrei.

Acho que me acertaram...

Bjs ...a todos... (BOTH, 2014, p. 122-123).

Fazer viagens, visitar amigos, frequentar parques, bibliotecas, atividades sociais que resultem em prazer são necessárias. As dificuldades enfrentadas por Idílio ao viajar para a Europa e ser responsável por Maria, sua nova esposa e por si mesmo, sem a ajuda de ninguém mostra que a capacidade não se esvai com o tempo, ao contrário ela esta latente, é só por em prática. Essas atitudes e responsabilidades resultam em uma vivência benéfica e tranquila. Saber-se capaz de gerir apropria vida prolonga a juventude mesmo que esta seja apenas da mente. Idílio viveu com Maria por dezessete anos felizes.

5 CONCLUSÃO

Esse estudo analisou as questões da velhice e como suas expressões são retratadas na literatura contemporânea, tendo como marco referencial o envelhecimento na leitura da obra **Contos do envelhecer**, de Agostinho Both (1998), buscando demonstrações literárias do isolamento, da inclusão e suas influências como suportes de uma velhice tranquila, e **Cacos para um vitral**, de Adélia Prado (1980), narrada em terceira pessoa, que apresenta a personagem Maria da Glória Fraga, reflexiva, incoerente, alegre e, ao mesmo tempo, tensa, com o foco na mulher contemporânea.

Não existe fim quando se trata de literatura e suas análises, as possibilidades são infinitas e percorrem caminhos que não terminam em certezas e sim, indicam novos caminhos a serem trilhados. Em **Cacos para um vitral**, Adélia Prado faz um inventário de si mesma espelhada em suas personagens. Acompanha cada uma como se estivessem atadas, vivendo e envelhecendo juntas. A personagem Maria da Glória percebe que seus papéis, seus retalhos de escrita, conseguem amenizar sua apreensão, seus medos e, assim como sua criadora, utiliza cacos de escrita para expor seus medos, suas angústias e também suas felicidades.

O foco de atenção de Agostinho Both é dedicado às experiências dos idosos na terceira idade, diferente de Adélia Prado que relata a viagem pelo cotidiano na busca de si mesmo e os medos vivenciados por pessoas na meia idade. Verifica-se em ambos os grupos, a emoção que une os dois é a angústia de viver o inesperado. A personagem de Adélia Prado, a exemplo de Gloria sente-se angustiada pelos pensamentos de que a idade vem chegando, o tempo passa e ela não pode evitar isso.

Em Agostinho Both, a personagem senhora Webster sente-se em crise e angustiada pelo fato de sofrer pressão dos filhos que querem a venda de suas terras. Interessante notar que Maria da Glória, de Adélia Prado, está na chamada meia idade e sua preocupação é com aquilo que está por vir, a velhice. Como encará-la. A senhora Webster já está na terceira idade e sua angústia é não se deixar ficar na dependência dos filhos e, sim, manter sua independência.

Embora haja fatores limitadores característicos da velhice que afetam a inserção do idoso no mundo do trabalho, na vida familiar e sociocultural, com transformações físicas, alterações psicológicas e problemas de cognição e memória, o envelhecer não está associado, inexoravelmente, a dores, tristeza, perdas, luto e incapacidades diver-

sas. Percebe-se que há pessoas idosas que mesmo com limitações físicas próprias da idade, respondem aos desafios que essa fase da vida lhes traz, mantendo-se estáveis, alegres e participativas, identificando propostas para um envelhecimento saudável e a viabilidade das mesmas na sociedade, discutir a visão consensual acerca do envelhecimento inútil e a mudança desta percepção.

A análise das obras de Both e Prado, em suas variadas incursões e constatações, reflete o processo de envelhecimento na literatura contemporânea. Essas reflexões tornam-se pertinentes, pois com uma maior expectativa de vida, maior se torna o tempo de aprendizagem e envelhecimento. Decorre daí, portanto, a possibilidade de se chegar a uma análise crítica das obras dos dois escritores, expondo de forma peculiar, criativa e abrangente, a multiplicidade de ideias e conceitos sobre o envelhecimento e seus desdobramentos, que vão desde as limitações naturais e socialmente impostas até questões de enfrentamentos das adversidades da velhice.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L. Reflexões: conceitos, estereótipos e mitos acerca da velhice. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 6, n. 2, 2009.
- BARBOSA, Maria José Somerlate. **Passo e compasso**: nos ritmos do envelhecer. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.
- BATISTONI, Samila Sathler Tavares. Contribuições da psicologia do envelhecimento para as práticas clínicas com idosos. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, 2009. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472009000200003>. Acesso em: 11 nov. 2016.
- BEAUVOIR, Simone. **Velhice e vida cotidiana**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiróz / Universidade de São Paulo, 1987.
- BOTH, Agostinho. A velhice é o resultado das condições de vida apreendidas. Entrevista. **Instituto Humanitas Unisinos**, 2006. Disponível em
<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=572&secao=204>. Acesso em: 21 mar. 2016.
- _____. **Contos do envelhecer**. Passo Fundo: Edupf, 1998.
- _____. **Conversa de velhos**. Passo Fundo: Imed, 2009.
- _____. **Frutos de inverno**. Passo Fundo: Projetos Passo Fundo, 2014.
- _____. **Identidade existencial na velhice**: mediações do Estado e da universidade. Passo Fundo: UPF, 2000.
- _____. Memória, educação e velhice. In: TEDESCO, J. C. (Org.). **Usos de memórias**: política, educação e identidade. Passo Fundo: UPF, 2002.

_____. Profissionalização em gerontologia. **Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 7, 2005. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4755>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro, Bertrand, 2002.

BRANDÃO, Juliana da Silva. **Lazer para o idoso ativo como fator de qualidade de vida no processo de envelhecimento**. 2009, 191f. Tese (Doutorado em Gerontologia Biomédica) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Instituto de Geriatria e Gerontologia, Porto Alegre, 2009.

CALADO, L. P. F. **A velhice**: a realidade incômoda. Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, Disciplina de Internato em Saúde do Idoso, Belo Horizonte, 2014.

CAMARANO, A. A. Como vive o idoso brasileiro? In: _____. **Os novos brasileiros muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

COLASANTI, Marina. **A nova mulher**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1980.

CONCONE, Maria Helena Villas Boas. Medo de envelhecer ou de parecer? **Revista Kairós**, São Paulo, v. 10, n. 2, 2007.

COSTA, Jurandir F. A externalização da subjetividade. **Encantos em contos**. Disponível em: <https://encantosemcontos.wordpress.com/2011/04/02/a-externalizacao_da_subjetividade/>. Acesso em: 26 out. 2016.

DEBERT, Guita Crin. Gênero e envelhecimento. Revista **Estudos Feministas**, ed. Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 2003. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: SENAC São Paulo, 2000.

DOURADO, M.; LEIBING, A. **Velhice e suas representações**: implicações para uma intervenção psicanalítica. Universidade de São Paulo, 2002. Disponível em

<<http://www.revispsi.uerj.br/v2n2/artigos/Artigo204-20-20V2N2.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

DU BOIS, Tânia. Uma leitura sobre a obra de Agostinho Both. **Vidrágua**s, 2014. Disponível em: <<http://vidraguas.com.br/wordpress/2014/07/17/uma-leitura-sobre-a-obra-de-agostinho-both-por-tania-du-boiss/>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

EIZIRIK, Cláudio L. A velhice. In: _____; BASSOLS, Ana Margareth S (Orgs.). **O ciclo da vida humana**: uma perspectiva psicodinâmica. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013. p. 227-240.

FERREIRA, Marília Martins. **A velhice na modernidade sob o olhar de Menalton Braff**. jul. 2009. Disponível em: <http://menalton.com.br/xml/pdfs/academicos/academico_04_avelhice_namodernidade.pdf> Acesso em: 15 mar. 2016.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. Envelhecimento populacional. **Brasil Escola**. Disponível em: <<http://brasilescola.uol.com.br/geografia/envelhecimento-populacional.htm>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

GAGLIETTI, M.; BARBOSA, M. Que idade tem a velhice? **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 4, n. 2, p. 136-148, 2007.

GARLAND, Joaquim. Todas as rugas do tempo. **Cadernos literários**: envelhecer é poético. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2013.

GIL, Gilberto. Se eu quiser falar com Deus. 1980. **Vagalume**. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/se-eu-quiser-falar-com-deus.html>>. Acesso em: 14 out. 2016.

GOLDENBERG, Mirian. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

GORVETT, Zaria. O surpreendente lado bom de envelhecer. **BBC Brasil**. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151105_vert_fut_beneficios_envelhecimento_ml>. Acesso em: 12 dez. 2016.

LIMA, Susana Moreira de. Em busca do eu no som da memória: envelhecimento feminino e dor, na escrita de Lygia Fagundes Telles. **Fazendo Gênero 8**: corpo, violência e poder, Florianópolis, 25-28 ago. 2008. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST63/Susana_Moreira_de_Lima_63.pdf>. Acesso em: 11 maio 2016.

LISPECTOR, Clarice. O grande passeio. In: _____. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOURES, Marisa; MORAIS, Mauro. Fios brancos na plateia. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 16 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/fios-brancos-na-plateia/>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

LUFT, Lya. **Perdas e ganhos**. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MACIEL, M. E. As idades de Zenóbia. In: _____. **O livro de Zenóbia**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

MARQUES, A. M. **Velho/idoso**: construindo o sujeito da terceira idade. 2005. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/336/9870>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

MASCARO, S. A. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos).

MILIONE, Ana Regina Borges. **O envelhecimento feminino em A duração do dia, de Adélia Prado**. 112 f. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

MORAES, Vinicius. A arte de ser velho. In: _____. **Para viver um grande amor**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

PAÚL, C. A construção de um modelo de envelhecimento humano. In: _____; FONSECA, A. (Coords.). **Envelhecer em Portugal**: psicologia, saúde e prestação de cuidados. Lisboa: Climepsi, 2005.

PITANGA, Danielle de Andrade. **Velhice na cultura contemporânea**. 192 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2006.

PRADO, Adélia. **A duração do dia**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. **Cacos para um vitral**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **Poesia reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.

_____. Com licença poética. **Projeto Releituras**. Disponível em: <http://www.releituras.com/aprado_bio.asp>. Acesso em: 21 jan. 2016.

SILVA, A. M. S.; FEIJÃO, M. L. X. **Sobre a velhice**: a análise institucional da velhice e o papel das representações sociais como um saber prático. Análise institucional, 2008. Disponível em: <<https://analiseinstitucional.wordpress.com/2008/12/12/sobre-a-velhice/>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

SIMÕES, Fabíola. Erótica é a alma: sobre a passagem do tempo e nossa resposta ao envelhecimento. **Obvious**. Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/fabiola_simoese/autor/>. Acesso em: 10 out. 2016.

SIMÕES, R. **Corporeidade e terceira idade**: marginalização do corpo idoso. São Paulo: Unimep, 1998.

SOARES, Angélica. Há uma idade para a velhice?: sinais do envelhecer e crise de identidade na poesia brasileira contemporânea de autoria feminina. Seminário Mulher na Literatura. **Anais...** Florianópolis, 2007. p. 1-11. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/Mesas/Ang%C3%A9lica%20Soares.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2016.

SOUZA, E. M. G. **Cacos para um vitral e o livro de Zenóbia**: percepções do feminino na prosa de Adélia Prado e de Maria Esther Maciel. 2015. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

SOUZA, N. S. **Corpo em narrativa**: o envelhecer feminino na contemporaneidade. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308244748_ARQUIVO_ArtigoConlab_NathaliaSobral.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2016.

VELOSO, Caetano. Sampa. 1978. **Vagalume**. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/sampa.html>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

VERAS, R. P. **Pais jovens com cabelos brancos**: a saúde do idoso no Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1994.